
A NETFLIX FILM
BASED ON THE NOVELLA BY STEPHEN KING AND JOE HILL
CAMPO DO MEDO

# DADOS DE ODINRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

## Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

# Índice

Na grama alta
Trecho de 'Doutor Sono'
Trecho 'NOS4A2'
direito autoral

# Obrigado por adquirir este eBook do Scribner.

---

Junte-se à nossa lista de e-mails e receba atualizações sobre novos lançamentos, ofertas, conteúdo bônus e outros ótimos livros da Scribner e Simon & Schuster.

**CLIQUE AQUI PARA SE INSCREVER**

ou visite-nos online para se inscrever em
eBookNews.SimonandSchuster.com

STEPHEN
KING

# IN THE TALL GRASS

JOE
HILL



SCRIBNER
NEW YORK • LONDON • TORONTO • SYDNEY • NEW DELHI

# CONTEÚDO

Na grama alta

Prévia Sneak Peak de *Doctor Sleep*

Prévia Sneak Peak do *NOS4A2*

# NA GRAMA ALTA

Ele queria silêncio por um tempo em vez do rádio, para que você pudesse dizer que o que aconteceu foi culpa dele. Ela queria ar fresco em vez do ar-condicionado por um tempo, então você poderia dizer que era dela. Mas como eles nunca teriam ouvido o garoto sem essas duas coisas, você realmente teria que dizer que era uma combinação, o que tornava Cal-e-Becky perfeito, porque eles correram juntos a vida toda. Cal e Becky DeMuth, nascidos com dezenove meses de diferença. Seus pais os chamavam de gêmeos irlandeses.

“Becky atende o telefone e Cal diz alô”, o Sr. DeMuth gostava de dizer.

“Cal pensa em festa e Becky já escreveu a lista de convidados,” a Sra. DeMuth gostava de dizer.

Nunca uma palavra cruzada entre eles, mesmo quando Becky, na época uma caloura do dormitório, apareceu no apartamento fora do campus de Cal um dia para anunciar que estava grávida. Cal aceitou bem. Seus pais? Não tão otimista.

O apartamento fora do campus ficava em Durham, porque Cal escolheu UNH. Quando Becky (naquele momento não grávida, se não necessariamente virgem) fez a mesma escolha de faculdade dois anos depois, você poderia ter cortado a falta de surpresa e espalhado no pão.

"Pelo menos ele não terá que voltar para casa todo maldito fim de semana para sair com ela", disse a Sra. DeMuth.

"Talvez tenhamos um pouco de paz por aqui", disse DeMuth. “Depois de vinte anos, mais ou menos, toda essa união fica um pouco cansativa.”

Claro que eles não fizeram *tudo* juntos, porque Cal com certeza não era responsável pelo pão no forno de sua irmã. E tinha sido idéia exclusiva de Becky perguntar ao tio Jim e tia Anne se ela poderia morar com eles por um tempo, só até o bebê nascer. Para os DeMuths seniores, que estavam atordoados e confusos com essa reviravolta, parecia um curso tão razoável quanto qualquer outro. E quando Cal sugeriu que ele *também* tirasse o semestre da primavera para que eles pudessem fazer a viagem de cross-country juntos, seus pais não fizeram muito barulho. Eles até concordaram que Cal poderia ficar com Becky em San Diego até que o bebê nascesse. Calvin pode ser capaz de encontrar um pequeno emprego e contribuir com as despesas.

“Grávida aos dezenove anos”, disse a Sra. DeMuth.

" *Você* estava grávida aos dezenove anos", disse DeMuth.

“Sim, mas eu fui casada,” a Sra. *DeMuth* apontou.

"E para um cara muito legal", Sr. DeMuth sentiu-se compelido adicionar.

A Sra. DeMuth suspirou. “Becky vai escolher o primeiro nome e Cal vai escolher o segundo.”

"Ou vice-versa", disse DeMuth - também com um suspiro. (Às vezes, casais também são gêmeos irlandeses.)

A mãe de Becky levou Becky para almoçar um dia, pouco antes de as crianças partirem para a Costa Oeste. “Tem certeza de que quer dar o bebê para adoção?” ela perguntou. “Sei que não tenho o direito de perguntar, sou apenas sua mãe, mas seu pai está curioso.”

“Ainda não me decidi totalmente”, disse Becky. "Cal vai me ajudar a decidir."

“E o pai, querida?”

Becky pareceu surpresa. “Ah, ele não tem voz. Ele acabou por ser um tolo.”

A Sra. DeMuth suspirou.

• • •

Então lá estavam eles no Kansas, em um dia quente de primavera em abril, andando em um Mazda de oito anos com placas de New Hampshire e um fantasma de sal da estrada da Nova Inglaterra ainda salpicado nos painéis dos balancins enferrujados. Silencioso em vez do rádio, janelas abertas em vez do AC. Como resultado, ambos ouviram a voz. Era fraco, mas claro.

"Ajuda! *Ajuda!* Alguém me *ajude* !”

Irmão e irmã trocaram olhares assustados. Cal, atualmente atrás do volante, parou imediatamente. A areia chacoalhou contra o trem de pouso.

Antes de sair de Portsmouth, eles decidiram que se afastariam das rodovias. Cal queria ver o Kaskaskia Dragon em Vandalia, Illinois; Becky queria se comportar no maior baile de barbante do mundo em Cawker City, Kansas (ambas as missões cumpridas); os dois sentiram que precisavam bater em Roswell e ver alguma merda extraterrestre. Agora eles estavam bem ao sul do Twine Ball — que tinha sido peludo, perfumado e muito mais impressionante do que qualquer um deles havia previsto — em um trecho da Rota 400. Era um trecho bem conservado de asfalto de duas pistas que os levaria pelo resto do caminho através da bandeja plana do Kansas até a linha do Colorado. À frente deles havia quilômetros de estrada sem nenhum carro ou caminhão à vista. Idem atrás.

Do lado deles da estrada havia algumas casas, uma igreja fechada com tábuas chamada Black Rock of the Redeemer (que Becky achou um nome estranho para uma igreja, mas isso *era* Kansas), e um Bowl-a-Drome podre que parecia que poderia ter funcionado por volta da época em que os Trammps estavam cometendo um incêndio criminoso de música pop ao acender um inferno de discoteca. Do outro lado do 400 não havia nada além de grama alta e verde. Estendia-se até um horizonte que era ao mesmo tempo ilimitado e normal.

"Isso foi um-" Becky começou. Ela estava vestindo um casaco leve aberto sobre uma barriga que estava começando a se avolumar; ela estava bem avançada em seu sexto mês.

Ele levantou a mão sem olhar para ela. Ele estava olhando para a grama. “ *Sh.* Ouvir!"

Eles ouviram uma música fraca vindo de uma das casas. Um cachorro deu um latido triplo *com catarro — roop-roop-roop* — e ficou parado. Alguém estava martelando uma tábua. E havia o sussurro constante e suave do vento. Becky percebeu que podia realmente *ver* o vento, penteando a grama do outro lado da estrada. Fez ondas que fugiram deles até que se perderam na distância.

Justo quando Cal estava começando a pensar que eles, afinal, não tinham ouvido nada — não seria a primeira vez que imaginavam algo juntos — o choro veio novamente.

*"Ajuda! Por favor me ajude!"* E: *“Estou perdido!”*

Desta vez, o olhar que trocaram foi cheio de compreensão alarmada. A grama era incrivelmente alta. (Para tal extensão de grama ter mais de um metro e oitenta de altura no início da temporada era uma anomalia que não lhes ocorreria até mais tarde.) Alguma criança havia entrado nela, provavelmente enquanto explorava, quase certamente de um dos casas na estrada. Ele ficou desorientado e vagou ainda mais fundo. Ele parecia ter cerca de oito anos, o que o tornaria muito baixo para pular e se orientar dessa maneira.

"Devemos levá-lo para fora", disse Cal.

"Sim. Pequena missão de resgate. Entre no estacionamento da igreja. Vamos sair do lado da estrada.”

Ele a deixou na margem da rodovia e virou na o terreno sujo do Redentor. Uma dispersão de carros empoeirados estava estacionado aqui, os pára-brisas brilhando no brilho do sol. Que todos, exceto um desses carros, parecessem estar lá por dias - até semanas - era outra anomalia que não os atingiria até mais tarde.

Enquanto ele cuidava do carro, Becky foi até o outro ombro. Ela levou as mãos à boca e gritou. "Criança! *Ei, garoto!* Você pode me ouvir?"

Depois de um momento, ele ligou de volta: *“Sim! Ajude-me! Estou aqui há DIAS!”*

Becky, que se lembrava de como as crianças julgavam o tempo, adivinhou que isso poderia significar cerca de vinte minutos. Ela procurou por um caminho de grama quebrada ou pisoteada por onde o garoto tinha entrado (provavelmente inventando algum videogame ou filme de selva estúpido em sua cabeça como ele fez), e não conseguiu ver nenhum. Mas tudo bem; ela calculou a voz como vindo de sua esquerda, por volta das dez horas. Não muito longe, também. O que fazia sentido; se ele tivesse chegado muito longe, eles não o teriam ouvido mesmo com o rádio desligado e as janelas abertas.

Ela estava prestes a descer o barranco até a beira da grama, quando ouviu uma segunda voz, a de uma mulher — rouca e confusa. Ela tinha a voz grogue de quem acaba de acordar e precisa de um gole d'água. Seriamente.

"Não!" gritou a mulher. “ *Não!* Por favor! *Ficar longe!* Tobin, pare de ligar! Pare de fazer barulho, querida! Ele vai te ouvir!”

"Olá?" Becky gritou. "O que está acontecendo?"

Atrás dela, ela ouviu uma porta bater. Cal, atravessando a rua.

"Perdidos!" o menino gritou. "Por favor! Por favor, minha mãe está magoada, por favor! Por favor ajude!"

"Não!" disse a mulher. “Não, Tobin, não!”

Becky olhou em volta para ver por que Cal estava demorando tanto.

Ele cruzou algumas dezenas de metros do estacionamento de terra e então hesitou pelo que parecia ser um Prius de primeira geração. Foi filmado com uma pálida camada de poeira da estrada, obscurecendo quase completamente o pára-brisa. Cal se curvou ligeiramente, protegeu os olhos com uma mão e olhou pela janela lateral para algo no banco do passageiro. Franzindo as sobrancelhas para si mesmo por um momento, e depois se encolhendo, como se fosse uma mutuca.

"Por favor!" disse o menino. “Estamos perdidos e não consigo encontrar a estrada!”

"Armazenar!" a mulher começou a chamar, mas então sua voz engasgou. Como se ela não tivesse cuspe para falar.

A menos que isso fosse uma brincadeira elaborada, algo estava muito errado aqui. Becky DeMuth não estava consciente de sua mão deslizando para pressionar contra a curva apertada e firme de seu abdômen. Tampouco conectou o que sentia na época com os sonhos que a incomodavam há quase dois meses, sonhos que ela não havia discutido nem mesmo com Cal — aqueles sobre dirigir à noite. Uma criança gritou nesses sonhos também.

Ela desceu o barranco em dois passos de pernas longas. Era mais íngreme do que parecia, e quando ela chegou ao fundo, ficou claro que a grama era ainda mais alta do que ela. pensei, mais perto de sete pés do que seis.

A brisa soprou. A parede de grama subiu e recuou em uma maré suave e silenciosa.

“Não nos procure!” a mulher ligou.

"Ajuda!" disse o menino, contradizendo-a, quase gritando *por cima* dela — e sua voz estava próxima. Becky podia ouvi-lo logo à esquerda. Não perto o suficiente para alcançar e agarrar, mas certamente não mais do que dez ou doze metros da estrada.

“Estou aqui, amigo,” ela o chamou. “Continue andando em minha direção. Você está quase na estrada. Você está quase fora.”

"Ajuda! Ajuda! Ainda não consigo te encontrar!” o menino disse, sua voz ainda mais perto agora. Isso foi seguido por uma risada histérica e soluçante que esfriou a pele de Becky.

Cal deu um único passo saltitante no barranco, escorregou nos calcanhares e quase caiu de bunda. O chão estava molhado. Se Becky hesitou em entrar na grama espessa e ir buscar o menino, foi porque ela não queria encharcar o short. Grama daquela altura reteria água suficiente, suspensa em gotas brilhantes, para fazer um pequeno lago.

"Por que você está esperando?" Cal perguntou.

"Há uma mulher com ele", disse Becky. “Ela está sendo estranha.”

"Onde você está?" o menino gritou, quase balbuciando, a apenas alguns metros de distância na grama. Becky procurou um flash de sua calça ou camisa, mas não as viu. Ele estava um pouco longe demais para isso. "Você está vindo? *Por favor!* Não consigo encontrar minha saída!”

"Armazenar!" a mãe gritou, sua voz distante e tensa. “Tobin, *pare* !”

"Espere", disse Cal, e pisou na grama. “Capitão Cal, para o resgate. Não tenha medo. Quando as crianças me veem, elas querem *ser* eu.”

A essa altura, Becky estava com o celular em uma das mãos e estava abrindo a boca para perguntar a Cal se eles deveriam chamar a patrulha rodoviária ou o que quer que eles tivessem aqui que fosse azul.

Cal deu um passo, depois outro, e de repente tudo o que Becky podia ver dele era a parte de trás de sua camisa jeans e seu short cáqui. Por nenhuma razão racional, o pensamento dele se afastando de vista fez com que seu pulso saltasse.

Ainda assim, ela olhou para o rosto de seu pequeno Android touchscreen preto e viu que ela tinha o complemento completo de cinco barras. Ela discou 9-1-1 e apertou a tecla Call. Ao levar o telefone ao ouvido, ela deu um longo passo na grama.

O telefone tocou uma vez, então uma voz de robô anunciou que sua ligação estava sendo gravada. Becky deu outro passo, não querendo perder de vista a camisa azul e o short marrom claro. Cal sempre foi tão *impaciente.* Claro, ela também.

A grama molhada começou a bater contra sua blusa, shorts e pernas nuas. *Da máquina de banho veio um barulho,* pensou Becky, seu subconsciente tossindo parte de um verso meio digerido, um de Edward Gorey. *A partir de jollification dentro. Foi ouvido em toda parte e o algo algo maré blá blá.* Ela havia escrito um trabalho sobre limericks para sua aula de calouro que ela achava bastante inteligente, mas tudo o que ela conseguiu para seu problema foi uma cabeça cheia de rimas idiotas que ela não conseguia esquecer, e um C+.

Uma verdadeira voz feminina ao vivo suplantou o robô. “Kiowa County 9-1-1, qual é a sua localização e a natureza da sua emergência, chamador?”

"Estou na Rota 400", disse Becky. “Não sei o nome da cidade, mas tem alguma igreja, a Rocha do Redentor ou algo assim. . . e esta velha pista de patinação em ruínas. . . não, acho que é uma pista de boliche. . . e algum garoto está perdido na grama. A mãe dele também. Nós os ouvimos chamando. A criança está perto, a mãe nem tanto. A criança parece assustada, a mãe apenas parece... *Estranho,* ela pretendia terminar, mas não teve a chance.

“Chamador, temos uma conexão muito ruim aqui. Por favor, reafirme seu—”

Então nada. Becky parou para olhar seu telefone e viu uma única barra. Enquanto ela estava assistindo, ele desapareceu, para ser substituído por

NO SERVICE. Quando ela olhou para cima, seu irmão tinha sido engolido pelo verde.

Acima, um jato traçou um rastro branco no céu a trinta e cinco mil pés.

• • •

*"Ajuda! Ajude-me!"*

O garoto estava perto, mas talvez não tão perto quanto Cal pensamento. E um pouco mais à esquerda.

*“Volte para a estrada!”* a mulher gritou. Agora *ela* parecia mais perto também. *“Volte enquanto ainda pode!”*

*"Mãe! Mamãe! Eles querem AJUDAR!”*

Então o garoto apenas gritou. Elevou-se a um grito agudo, vacilou, de repente se transformou em uma risada mais histérica. Ouviram-se sons de pancadas — talvez pânico, talvez sons de luta. Cal disparou naquela direção, certo de que iria invadir alguma clareira e descobrir o garoto — Tobin — e sua mãe sendo agredidos por um maníaco empunhando uma faca de um filme de Quentin Tarantino. Ele chegou a dez metros e estava percebendo que *tinha* que ser muito longe quando a grama rosnou em torno de seu tornozelo esquerdo. Ele agarrou mais grama em seu caminho e não fez nada além de arrancar um punhado duplo que escorria suco verde pegajoso pelas palmas das mãos até os pulsos. Ele caiu de corpo inteiro no chão lamacento e conseguiu enfiar lama nas duas narinas. Maravilhoso. Como nunca houve uma árvore por perto quando você precisava de uma?

Ele ficou de joelhos. "Criança? Armazenar? Cante... Ele espirrou lama, enxugou o rosto e agora cheirava a gosma de grama quando inalava. Melhor e melhor. Um verdadeiro bouquet sensorial. "Cantar! Você também, mãe!”

Mamãe não. Tobin fez.

*“Ajude-me por favor!”*

*direita* de Cal , e ele parecia muito mais profundo na grama do que antes. Como poderia ser? *Ele parecia perto o suficiente para agarrar.*

Cal se virou, esperando ver sua irmã, mas só havia grama. Grama *alta* . Deveria ter sido quebrado onde ele passou por ele, mas não foi. Havia apenas o lugar esmagado e plano onde ele tinha ido, e mesmo ali a vegetação já estava brotando de volta. Grama dura que eles tinham aqui no Kansas. Grama *alta* dura .

“Becky? Beco?”

“Acalme-se, estou bem aqui,” ela disse, e embora ele não pudesse vê-la, ele a veria em um segundo; ela estava praticamente em cima dele. Ela parecia enojada. “Perdi a garota do 9-1-1.”

“Tudo bem, só não *me perca.* Ele se virou na outra direção e levou as mãos à boca. "Armazenar!"

Nenhuma coisa.

*"Armazenar!"*

*"O que?"* Desmaiar. Jesus Cristo, o que o garoto estava fazendo? Iluminando para Nebraska? *"Você está vindo? Você tem que continuar vindo! Não consigo te encontrar!"*

*"GAROTA, FIQUE PARADO!"* Gritando tão alto e tão forte que machucou suas cordas vocais. Era como estar em um show do Metallica, só que sem a música. *"EU NÃO ME IMPORTO COM O QUANTO MEDO VOCÊ ESTÁ, FIQUE PARADO! DEIXE-NOS IR ATÉ VOCÊ!"*

Ele se virou, mais uma vez esperando ver Becky, mas só viu a grama. Ele flexionou os joelhos e pulou. Ele podia ver a estrada (mais longe do que esperava; ele deve ter corrido bastante sem perceber). Ele podia ver a igreja —Holy Hank's House of Hallelujah, ou qualquer outra coisa chamava-se — e ele podia ver o Bowl-a-Drome, mas isso era tudo. Ele realmente não esperava ver a cabeça de Becky, ela tinha apenas 1,62m, mas *esperava* ver sua rota de passagem pela grama. Apenas o vento estava passando por ela com mais força do que nunca, e isso fazia parecer que havia dezenas de caminhos possíveis.

Ele pulou novamente. O chão encharcado era esmagado cada vez que ele descia. Aquelas espiadas lambidas na Highway 400 eram enlouquecedoras.

"Becky? *Onde diabos você está?"*

• • •

Becky ouviu Cal gritar para o garoto ficar parado, não importa o quão assustado ele estivesse, e deixá-los vir até ele. O que parecia um bom plano, se apenas seu irmão idiota a deixasse alcançá-la. Ela estava sem fôlego, molhada e pela primeira vez se sentindo verdadeiramente grávida. A boa notícia era que Cal estava perto, à sua direita à uma hora.

*Tudo bem, mas meus tênis vão ficar arruinados. Na verdade, o Beckster acredita que eles já estão arruinados.*

"Becky? Onde diabos você está?"

Ok, isso foi estranho. Ele ainda estava à sua direita, mas agora parecia mais perto das cinco horas. Tipo, quase *atrás* dela.

"Aqui," ela disse. "E eu vou *ficar* aqui até você chegar até mim." Ela olhou para seu Android. "Cal, você tem alguma barra no seu telefone?"

"Eu não tenho nenhuma ideia. Está no carro. Apenas continue tagarelando até eu chegar até você.

"E o garoto? E a mãe louca? Ela ficou totalmente escura."

"Vamos voltar a ficar juntos - *então* vamos nos preocupar com eles, ok?" ele disse. Becky conhecia seu irmão, e ela não gostou do jeito que ele soou. Este era Cal preocupado e tentando não demonstrar. "Por enquanto, apenas fale comigo."

Becky considerou, então começou a recitar, batendo seus tênis enlameados a tempo. "Era uma vez um cara chamado *McSweeney,* que derramou um pouco de gim em seu *pirão* . Só para ser *educado* , ele acrescentou *vermute e depois serviu um martíni* para sua garota .

"Oh, isso é encantador", disse ele. Agora diretamente atrás dela, quase perto o suficiente para estender a mão e tocá-la, e por que isso era um alívio? Era apenas um *campo,* pelo amor de Deus.

*"Ei vocês!"* O garoto. Desmaiar. Não rindo agora, apenas parecendo perdido e aterrorizado. *"Você está procurando por mim? Está aí, Capitão Cal? Eu estou assustado!"*

*"SIM! SIM ESTÁ BEM! AGUARDE,"* seu irmão gritou. "Becky? Becky, continue falando.

As mãos de Becky foram para sua protuberância — ela se recusou a chamá-la de barriga de bebê, que era tão revista *People — e a embalou levemente.* "Aqui está outro. Era uma vez uma mulher chamada *Jill,* que engoliu um *pi que explodiu* ...

"Para para. Eu ultrapassei você de alguma forma."

Sim, sua voz agora vinha da frente. Ela se virou novamente. "Pare de brincar, Cal. Isso *não é* engraçado." Dela boca estava seca. Ela engoliu, e sua garganta estava seca também. Quando fez aquele som de clique, você sabia que estava seco. Havia uma grande garrafa de água Poland Spring no carro. Também um par de Cocas no banco de trás. Ela podia vê-los: latas vermelhas, letras brancas.

"Becky?"

"O que?"

"Há algo errado aqui."

"O que você quer dizer?" Pensando: *Como se eu não soubesse* .

"Escute-me. Você pode pular?"

"Claro *que* posso pular! O que você acha?"

"Eu acho que você vai ter um bebê neste verão, é o que eu acho."

"Eu ainda posso . . . Cal, pare de ir embora!

"Eu não me movi", disse ele.

"Você fez, você deve ter! Você ainda *é* !"

"Cala-te e ouve. Vou contar até três. No três, você coloca as mãos sobre a cabeça como um árbitro sinalizando que o field goal é bom e pula o mais alto que puder. Eu vou fazer o mesmo. Você não vai precisar de muito ar para eu ver suas mãos, ok? E eu vou até você."

*Ah, assobie e eu vou até você, meu rapaz,* ela pensou — não fazia ideia de onde tinha vindo, algo mais do Freshman Lit talvez, mas uma coisa que ela *sabia* era que ele poderia *dizer* que não estava se movendo, mas *estava ,* ele estava se afastando o tempo todo.

"Becky? *Beck— "*

*"Tudo bem!"* ela gritou. *"Tudo bem, vamos fazer isso!"*

*"Um! Dois! —* ele gritou. *"TRÊS!"*

Aos quinze anos, Becky DeMuth pesava quarenta e dois quilos — seu pai a chamava de Stick — e corria obstáculos com o time do colégio. Aos quinze anos, ela podia andar de uma ponta à outra da escola em suas mãos. Ela queria acreditar que *ainda era* aquela pessoa; uma parte dela honestamente esperava permanecer essa pessoa por toda a sua vida. Sua

mente ainda não tinha chegado aos dezenove anos e estava grávida. . . não oitenta e duas libras, mas cento e trinta. Ela queria pegar ar — *Houston, temos decolagem* —, mas era como tentar pular enquanto pegava carona em uma criança pequena. (Quando você pensou sobre isso, esse era praticamente o caso.)

Sua linha de olhos só clareou o topo da grama por um momento, proporcionando-lhe um breve vislumbre de volta por onde ela tinha vindo. O que ela viu, porém, foi o suficiente para deixá-la quase sem fôlego com o alarme.

Cal e a estrada. *Cal* . . . e a *estrada* .

Ela voltou para baixo, sentiu um choque de impacto subir por seus calcanhares e em seus joelhos. O chão sujo sob seu pé esquerdo derreteu. Ela caiu e se sentou na rica lama preta com outra sacudida de impacto, uma pancada literal na bunda.

Becky pensou que tinha dado vinte passos na grama. Talvez trinta no máximo. A estrada deveria estar perto o suficiente para bater com um Frisbee. Era, em vez disso, como se ela tivesse andado ao longo de um campo de futebol e mais um pouco. Um vermelho maltratado Datsun, correndo pela estrada, não parecia maior que um carro Matchbox. Cento e quarenta metros de grama — um oceano de seda verde aguada fluindo suavemente — estava entre ela e aquele fino fio de asfalto.

Seu primeiro pensamento, sentado na lama, foi: *Não. Impossível. Você não viu o que você acha que viu.*

Seu segundo pensamento foi de um nadador fraco, apanhado em uma maré vazante, puxado cada vez mais longe da costa, sem entender o tamanho do problema até que começou a gritar e descobriu que ninguém na praia podia ouvi-la.

Por mais abalada que estivesse com a visão da estrada improvavelmente distante, seu breve vislumbre de Cal foi igualmente desorientador. Não porque estava longe, mas porque estava muito perto. Ela o tinha visto saltar acima da grama a menos de três metros de distância, mas os dois estavam gritando por tudo o que valiam apenas para se fazerem ouvir.

A sujeira estava quente, pegajosa, placentária.

A grama zumbia furiosamente com insetos.

*"Tome cuidado!"* o menino gritou. *"Não se perca também!"*

Isso foi seguido por outra breve explosão de risadas – um soluço nervoso e vertiginoso de hilaridade. Não era Cal, e não era o garoto, não desta vez. Também não era a mulher. Essa risada veio de algum lugar à sua esquerda, depois se extinguiu, engolida pelo canto dos insetos. Era do sexo masculino e tinha uma qualidade de embriaguez.

Becky de repente se lembrou de uma das coisas Weirdo Mamãe gritou: *Pare de ligar, querida! Ele vai te ouvir!*

*Que porra?*

*"Que porra é essa?"* gritou Cal. Ela não ficou surpresa. *Ike e Mike, eles pensam da mesma forma,* a Sra. DeMuth gostava de dizer. *Frick e Frack,*

*têm duas cabeças, mas apenas uma de volta,* o Sr. DeMuth gostava de dizer.

Uma pausa em que havia apenas o som do vento e

o *reeeee* dos bugs. Então, berrando a plenos pulmões: *"Que porra é essa?"*

• • •

Cal teve um breve período, cerca de cinco minutos depois, quando perdeu um pouco o controle. Aconteceu depois que ele tentou um experimento. Ele pulou e olhou para a estrada e pousou e esperou e então depois de contar até trinta, ele pulou e olhou novamente.

Se você quisesse ser um defensor da precisão, poderia dizer que ele já estava perdendo um pouco para pensar que precisava *tentar* tal experimento. Mas então a realidade estava começando a parecer muito com o chão sob os pés: líquida e traiçoeira. Ele não conseguia fazer o simples truque de caminhar em direção à voz de sua irmã, que vinha da direita quando ele caminhava para a esquerda e da esquerda quando caminhava para a direita. Às vezes de frente e às vezes de trás. E não importa em que direção ele andasse, ele parecia se afastar da estrada.

Ele pulou e fixou o olhar no campanário da igreja. Era uma lança branca brilhante contra o fundo daquele céu azul brilhante, quase sem nuvens. Igreja de baixa qualidade, torre divina e alta. *A congregação deve ter pago caro por aquele bebê,* pensou ele. Embora daqui — talvez a uns 400 metros de distância, e não importava que fosse loucura, ele tinha andado menos de trinta metros — ele não podia ver a pintura descascada, ou as tábuas nas janelas. Ele não conseguia nem distinguir seu próprio carro, enfiado com os outros carros encolhidos no estacionamento. Ele podia, no entanto, ver o Prius empoeirado. Aquele estava na primeira fila. Ele estava tentando não pensar no que tinha visto no banco do passageiro. . . um detalhe de pesadelo que ele ainda não estava pronto para examinar.

Naquele primeiro salto, ele se virou para o campanário e, em qualquer mundo normal, ele deveria ser capaz de alcançá-lo andando pela grama em linha reta, pulando de vez em quando para fazer um curso menor correções. Havia uma placa enferrujada e apimentada entre a igreja e a pista de boliche, em forma de losango com uma borda amarela: LENTO CRIANÇAS X-ING, talvez. Ele não podia ter certeza — ele havia deixado os óculos no carro também.

Ele caiu de volta na lama e começou a contar.

"Cal?" veio a voz de sua irmã de algum lugar atrás dele.

"Espere", ele gritou.

"Cal?" ela disse novamente, de algum lugar à sua esquerda. "Você quer que eu continue falando?" E quando ele não respondeu, ela começou a cantar em voz inconstante, de algum lugar à sua frente: "Era uma vez uma garota que foi para Yale. . ."

"Apenas cale a boca e espere!" ele gritou novamente.

Sua garganta estava seca e apertada e engolir exigia esforço. Embora fossem quase duas da tarde, o sol parecia pairar quase diretamente sobre a cabeça. Ele podia senti-lo em seu couro cabeludo, e no topo de suas orelhas, que estavam sensíveis, começando a queimar. Ele pensou que se pudesse beber alguma coisa — um gole de água de nascente gelada ou uma de suas Cocas — talvez não se sentisse tão desgastado, tão ansioso.

Gotas de orvalho queimavam na grama, uma centena de lupas em miniatura refratando e intensificando a luz.

Dez segundos.

"Criança?" Becky ligou, de algum lugar à sua direita. ( *Não. Pare. Ela não está se movendo. Controle sua cabeça.* ) Ela parecia com sede também. Croaky. "Você ainda está conosco?"

"Sim! Você encontrou minha mãe?”

*"Ainda não!"* Cal gritou, pensando que realmente fazia um tempo desde que eles tiveram notícias dela. Não que ela fosse sua principal preocupação naquele momento.

Vinte segundos.

"Criança?" disse Becky. A voz dela veio de trás dele novamente. “Tudo vai ficar bem.”

“ *Você viu meu pai?”*

Cal pensou: *Um novo jogador. Maravilhoso. Talvez William Shatner esteja aqui também. Também Mike Huckabee. . . Kim Kardashian. . . o cara que interpreta Opie em* Sons of Anarchy *e todo o elenco de* Mortos-vivos.

Fechou os olhos, mas no momento em que o fez se sentiu tonto, como se estivesse no topo de uma escada começando a balançar sob os pés. Ele desejou não ter pensado em *The Walking Dead.* Ele deveria ter ficado com William Shatner e Marvelous Mike Huckabee. Ele abriu os olhos novamente e se viu balançando nos calcanhares. Ele se firmou com algum esforço. O calor fez seu rosto formigar de suor.

Trinta. Ele estava parado neste ponto por trinta segundos. Ele achou que deveria esperar um minuto inteiro, mas não conseguiu, e então pulou para dar outra olhada na igreja.

Uma parte dele – uma parte que ele estava tentando ignorar com toda a sua vontade – já sabia o que iria ver. Esta parte estava fornecendo um comentário quase jovial: *Tudo terá mudado, Cal, bom amigo. A grama flui e* você *flui também. Pense nisso como se tornar um com a natureza, mano.*

Quando suas pernas cansadas o ergueram no ar novamente, ele viu que o campanário da igreja estava agora à sua *esquerda.* Não muito — só um pouco. Mas ele havia se desviado o suficiente para a direita e não estava mais vendo a frente daquela placa em forma de diamante, mas a parte de *trás* de alumínio prateado. Além disso, ele não tinha certeza, mas achava que tudo estava um pouco mais longe do que antes. Como se tivesse recuado alguns passos enquanto contava até trinta.

Em algum lugar, o cachorro latiu novamente: *roop, roop.* Em algum lugar um rádio estava tocando. Ele não conseguia entender a música, apenas

o golpe do baixo. Os insetos zumbiam sua única nota lunática.

"Ah, vamos lá", disse Cal. Ele nunca foi muito de falar sozinho — quando adolescente, ele cultivou uma vibe de skatista budista e se orgulhava de quanto tempo conseguia manter o silêncio serenamente —, mas agora estava falando, e mal se dava conta disso. “Ah, vamos, *porra* . Isto é . . . isso é *loucura.* ”

Ele também estava andando. Caminhando pela estrada — de novo, quase sem saber.

“Cal?” Becky gritou.

"Isso é loucura", disse ele novamente, respirando com dificuldade, empurrando a grama.

Seu pé ficou preso em alguma coisa, e ele caiu de joelhos em uma polegada de água pantanosa. Água quente — não morna, *quente,* tão quente quanto a água do banho — espirrou na virilha de seu short, dando-lhe a sensação de ter acabado de se mijar.

Isso o quebrou um pouco. Ele saltou de volta a seus pés. Correndo agora. Grama chicoteando em seu rosto. Era afiada e dura, e quando uma espada verde o acertou sob o olho esquerdo, ele sentiu, uma picada aguda. A dor lhe deu um pulo horrível, e ele correu mais forte, indo o mais rápido que podia agora.

*"Ajude-me!"* o garoto gritou, e que tal isso? A *ajuda* veio da esquerda de Cal, *eu* da direita. Era a versão do Kansas do Dolby Stereo.

*“Isso é loucura!”* Cal gritou novamente. *“Isso é loucura, é loucura, é PORRA DOIS!”* As palavras correndo juntas, é uma *loucura,* que coisa estúpida de se dizer, que observação fútil, e ele não conseguia parar de dizer isso.

Ele caiu novamente, desta vez com força, esparramando-se de peito. A essa altura, suas roupas estavam salpicadas de terra tão rica, quente e escura que parecia e até cheirava a matéria fecal.

Cal se levantou, correu mais cinco passos, sentiu a grama se enrolar em suas pernas — era como colocar os pés em um ninho de arame emaranhado — e, caramba, se ele não caísse uma terceira vez. O interior de sua cabeça zumbiu, como uma nuvem de varejeiras.

“Cal!” Becky estava gritando. “Cal, pare! *Pare!* ”

*Sim, pare. Se você não fizer isso, você estará gritando “Ajude-me” junto com a criança. Um dueto de merda.*

Ele engoliu o ar. Seu coração galopou. Ele esperou que o zumbido em sua cabeça passasse, então percebeu que não estava em sua cabeça, afinal. Eles realmente eram moscas. Ele podia vê-los entrando e saindo pela grama, um enxame deles ao redor de algo através da cortina de verde-amarelo, bem à sua frente.

Ele empurrou as mãos na grama e separou para ver.

Um cachorro - parecia que tinha sido um golden retriever - estava de lado na lama. A pele flácido vermelho-acastanhada brilhava sob um tapete de moscas. A língua inchada pendia entre as gengivas, e as bolinhas de

gude de seus olhos se esticavam para fora da cabeça. A etiqueta enferrujada de sua gola brilhava profundamente em sua pele. Cal olhou novamente para a língua. Era revestido de um branco esverdeado. Cal não queria pensar por quê. A pelagem suja do cachorro parecia um imundo tapete amarelo jogado sobre uma pilha de ossos. Um pouco dessa pele flutuava - pequenas penugens - na brisa quente.

*Tomar posse.* Era seu pensamento, mas na voz firme de seu pai. Fazer essa voz ajudou. Ele olhou para o estômago afundado do cachorro e viu um movimento animado lá. Um ensopado fervente de larvas. Como os que ele viu se contorcendo nos hambúrgueres meio comidos no banco do passageiro daquele maldito Prius. Hambúrgueres que estavam lá há dias. Alguém os deixou, se afastou do carro e os deixou, e nunca mais voltou, e nunca...

*Segure-se, Calvino. Se não por você, por sua irmã.*

"Eu vou", ele prometeu a seu pai. "Eu irei."

Ele tirou os emaranhados de verdura dura de seus tornozelos e canelas, mal sentindo os pequenos cortes que a grama havia infligido. Ele ficou.

*– Becky, onde você está?*

Nada por um longo tempo, tempo suficiente para seu coração abandonar seu peito e subir em sua garganta. Então, incrivelmente distante: *“Aqui! Cal, o que devemos fazer? Perdidos!"*

Ele fechou os olhos novamente, brevemente. *Essa é a linha do garoto.* Então pensou: *Le kid, c'est moi.* Foi quase engraçado.

"Nós continuamos ligando", disse ele, movendo-se para onde sua voz tinha vindo. “Continuamos ligando até estarmos juntos novamente.”

*“Mas estou com tanta sede!”* Ela parecia mais perto agora, mas Cal não confiava nisso. Não não não.

"Eu também", disse ele. “Mas vamos sair dessa, Beck. Nós apenas temos que manter nossas cabeças.” Que ele já havia perdido a dele — um pouco, só um pouco — era uma coisa que ele nunca diria a ela. Afinal, ela nunca lhe dissera o nome do menino que a engravidou, e isso os tornava meio iguais. Um segredo para ela, agora um para ele.

*“E o garoto?”*

Ah, Cristo, agora ela estava desaparecendo novamente. Ele estava com tanto medo que a verdade apareceu sem absolutamente nenhum problema, e no volume máximo.

*“Foda-se o garoto, Becky! Isso é sobre nós agora!”*

• • •

As direções derreteram na grama alta, e o tempo também derreteu: um mundo Dalí com som do Kansas. Eles perseguiram as vozes um do outro como crianças cansadas e teimosas demais para desistir de seu jogo de pega-pega e vir jantar. Às vezes, Becky parecia próxima; às vezes ela parecia distante; ele nunca a viu. Ocasionalmente, o garoto gritava para que

alguém o ajudasse, uma vez tão perto que Cal saltava na grama com as mãos estendidas para prendê-lo antes que ele pudesse fugir, mas não havia criança. Apenas um corvo com a cabeça e uma asa arrancadas.

*Não há manhã nem noite aqui,* pensou Cal, *apenas uma tarde eterna* . Mas mesmo quando essa ideia lhe ocorreu, ele viu que o azul do céu estava se aprofundando e o chão encharcado sob seus pés encharcados estava ficando escuro.

*Se tivéssemos sombras, elas estariam ficando longas e poderíamos usá-las para nos mover na mesma direção, pelo menos,* ele pensou, mas elas tinham sem sombras. Não na grama alta. Ele olhou para o relógio e não ficou surpreso ao ver que ele havia parado, embora fosse uma corda automática. A grama o havia parado. Ele tinha certeza disso. Alguma vibração maligna na grama; alguma merda *Fringe* paranormal .

Não passava do nada quando Becky começou a soluçar.

“Beck? *Beck?* ”

“Eu tenho que descansar, Cal. Eu tenho que sentar. Estou com tanta sede. E tenho tido cólicas.”

“Contrações?”

"Eu acho. Oh Deus, e se eu tiver um aborto espontâneo aqui nesta porra de campo?

"Apenas sente-se onde você está", disse ele. “Eles vão passar.”

“Obrigado, doutor, eu vou...” Nada. Então ela começou a gritar. *"Saia de perto de mim! Cai fora! NÃO ME TOQUE!”*

Cal, agora cansado demais para correr, correu de qualquer maneira.

• • •

Mesmo em seu choque e terror, Becky sabia quem o louco tinha que ser quando ele afastou a grama e parou diante dela. Ele estava vestindo roupas de turista – Dockers e Bass Weejuns enlameados. A verdadeira oferta, no entanto, foi sua camiseta. Embora manchada de lama e uma crosta marrom-escura que quase certamente era sangue, ela podia ver a bola de barbante parecida com espaguete e sabia o que estava impresso acima dela — **a maior bola de barbante do mundo, cawker city, kansas** . Ela não tinha uma camisa igual a esta bem dobrada na mala?

O pai do garoto. Na carne manchada de lama e grama.

*"Saia de perto de mim!"* Ela saltou para seus pés, as mãos embalando sua barriga. *"Cai fora! NÃO ME TOQUE!”*

Papai sorriu. Suas bochechas estavam barbudas, seus lábios vermelhos. "Acalmar. Quer sair? É fácil."

Ela o encarou, boquiaberta. Cal estava gritando, mas no momento ela não prestou atenção.

“Se você pudesse sair,” ela disse, “você não estaria ainda *dentro.* ”

Ele riu. “Idéia certa. Conclusão errada. Eu só ia ficar com o meu menino. Já encontrei minha esposa. Quer conhecê-la?"

Ela não disse nada.

"Ok, seja assim", disse ele, e se virou para ela. Ele começou na grama. Logo ele iria derreter, assim como seu irmão, e Becky sentiu uma pontada de pânico. Ele estava claramente louco, você só tinha que olhar em seus olhos ou ouvir sua entrega vocal de mensagem de texto para saber disso, mas ele era *humano.*

Ele parou e se virou, sorrindo. “Esqueci de me apresentar. Foi mal. Ross Humbolt é o nome. O jogo é imobiliário. Poughkeepsie. A esposa é Natalie. O Tobin do menino. Doce criança! Inteligente! Você é Becky. Cal do irmão. Última chance, Becky. Venha comigo ou morra.” Seus olhos caíram para sua barriga. “Bebê também.”

*Não confie nele* .

Ela não o fez, mas seguiu do mesmo jeito. No que ela esperava ser uma distância segura. “Você não tem ideia de para onde está indo.”

*“Becky? Becky!”* Cal. Mas longe. Em algum lugar do norte Dakota. Talvez Manitoba. Ela supôs que deveria responder a ele, mas sua garganta estava muito crua.

"Eu estava tão perdido na grama quanto vocês dois", disse ele. "Não mais. Beijei a pedra.” Ele se virou brevemente e olhou para ela com olhos maliciosos e loucos. “Abracei também. *Whsssh.* Veja então. Todos aqueles pequenos dançarinos. Veja tudo. Claro como o dia. De volta à estrada? Tiro certeiro! Se estou na fila, estou jantar. A esposa está bem aqui. Você tem que conhecê-la. Ela é minha querida. Faz o melhor martini da América. Era uma vez um cara chamado McSweeney, que derramou um pouco de gim em seu *ahem* ! Só para ser educado, acrescentou vermute. Acho que você sabe o resto.” Ele piscou para ela.

No ensino médio, Becky havia feito uma eletiva de ginástica chamada Autodefesa para Moças. Agora ela tentava se lembrar dos movimentos, e não conseguia. A única coisa que ela conseguia se lembrar. . .

No fundo do bolso direito de seu short havia um chaveiro. A chave mais comprida e grossa cabia na porta da frente da casa onde ela e o irmão cresceram. Ela o separou dos outros e o pressionou entre os dois primeiros dedos de sua mão.

“ *Aqui* está ela!” Ross Humbolt proclamou jovialmente, separando a grama alta com as duas mãos, como um explorador em algum filme antigo. “Diga oi, Natália! Esta jovem vai ter um *bicho* !”

Havia sangue espirrado na grama além das amostras que ele estava segurando e Becky queria parar, mas seus pés a levaram para frente e ele até se afastou um pouco como em um daqueles outros filmes antigos onde o cara suave diz *Depois da sua boneca* e eles entram na boate chique onde o combo de jazz está tocando só que isso não era uma boate chique isso era um pedaço de grama batido onde a mulher Natalie Humbolt se fosse ela O nome estava todo torcido com os olhos esbugalhados e o vestido puxado para cima para mostrar grandes protuberâncias vermelhas nas coxas e Becky imaginou que agora ela sabia por que Ross Humbolt de

Poughkeepsie tinha lábios tão vermelhos e um dos braços de Natalie foi arrancado no ombro e deitada três metros além dela na grama esmagada já brotando de volta e havia mais grandes e grandes torrões vermelhos no braço e o vermelho ainda estava molhado porque. . . Porque . . .

*Porque ela não está morta há tanto tempo,* pensou Becky. *Nós a ouvimos gritar. Nós a ouvimos* morrer.

"A família está aqui há algum tempo", disse Ross Humbolt em um tom íntimo e confidencial enquanto seus dedos manchados de grama se acomodavam ao redor da garganta de Becky. Ele soluçou. “As pessoas podem ficar com muita fome. Nenhum Mickey D está aqui! Não. Você pode beber a água que sai do chão - é arenosa e terrivelmente quente, mas depois de um tempo você não se importa com isso - só que estamos aqui há *dias.* Estou cheio agora, no entanto. Cheio como um carrapato.” Seus lábios manchados de sangue desceram na concha de sua orelha, e a barba por fazer fez cócegas em sua pele enquanto ele sussurrava. “Quer ver a pedra? Quer deitar nua e me sentir em você, sob as estrelas do cata-vento, enquanto a grama canta nossos nomes? Poesia, hein?”

Ela tentou chupar um peito cheio de ar para gritar, mas nada desceu pela traqueia. Em seus pulmões havia um vazio repentino e terrível. Ele enfiou os polegares em sua garganta, esmagando músculo, tendão, tecido mole. Ross Humbolt sorriu. Seus dentes estavam manchados de vermelho, mas sua língua era de um verde-amarelado. Seu hálito cheirava a sangue; também como um gramado recém-cortado.

“A grama tem coisas para te dizer. Você só precisa aprender a ouvir. Você precisa aprender a falar *Tall Weed,* querida. A rocha sabe. Depois de ver a pedra você vai entender. Aprendi mais com aquela pedra em dois dias do que em vinte anos de escola.”

Ele a tinha dobrado para trás, sua coluna arqueada. Ela se curvou como uma folha alta de grama ao vento. Seu hálito verde jorrou em seu rosto novamente.

“Vinte anos de escola e eles me colocaram no turno cinza”, disse ele, e riu. “Isso é um bom e velho rock, não é? Dylan. Filho de Javé. Bardo de Hibbing e eu não estou brincando. Eu te direi uma coisa. A pedra no centro deste campo é uma *boa e velha* rocha, mas é uma rocha *sedenta* . Está trabalhando na mudança cinzenta desde antes dos homens vermelhos caçarem no Osage Cuestas, desde que uma geleira o trouxe aqui durante a última Era Glacial, e oh garota, está com *tanta* sede.

Ela queria enfiar o joelho nas bolas dele, mas era muito esforço. O melhor que ela podia fazer era levantar o pé alguns centímetros e depois colocá-lo no chão novamente. Levante o pé e coloque-o no chão. Levante e ajuste. Ela parecia estar batendo o calcanhar em câmera lenta, como um cavalo pronto para ser solto de uma baia.

Constelações de faíscas pretas e prateadas explodiram no bordas de sua visão. *Estrelas de cata-vento,* ela pensou. Era estranhamente fascinante ver como novos universos nasciam e morriam, aparecendo e desaparecendo.

Ela logo estaria piscando, ela entendeu. Isso não parecia uma coisa tão terrível. Não foi necessária ação urgente.

Cal estava gritando seu nome de muito longe. Se ele estivera em Manitoba antes, agora estava em um poço de mina em Manitoba.

Sua mão apertou o chaveiro no bolso. Os dentes de algumas dessas chaves estavam cravados em sua palma. Morder.

“O sangue é bom, as lágrimas são melhores”, disse Ross. “Para uma rocha velha e sedenta como essa. E quando eu te foder na pedra, vai ter um pouco dos dois. Tem que ser rápido, no entanto. Não quero fazer isso na frente da criança. Somos batistas.” Seu hálito *fedia*.

Ela tirou a mão do bolso, a ponta da chave da casa saindo entre o indicador e o dedo médio, e deu um soco no rosto de Ross Humbolt. Ela só queria afastar a boca dele, não queria que ele respirasse nela, não queria mais sentir o cheiro verde dele. Seu braço estava fraco, e a maneira como ela o socou foi preguiçosa, quase amigável, mas a chave o pegou sob o olho esquerdo e deslizou por sua bochecha, desenhando uma linha irregular no sangue.

Ele se encolheu, jogando a cabeça para trás. Suas mãos afrouxaram; por um instante, seus polegares não estavam mais cravados na pele macia da cavidade de sua garganta. Um momento depois, ele apertou seu aperto novamente, mas então ela tinha dado um único suspiro. As faíscas - as estrelas do cata-vento - estourando e o brilho na periferia de sua visão se desvaneceu. Sua cabeça ficou clara, tão clara como se alguém tivesse jogado água gelada em seu rosto. A próxima vez que ela deu um soco nele, ela colocou o ombro atrás dele e afundou a chave no olho dele. Os nós dos dedos dela se chocaram contra o osso. A chave atravessou sua córnea e atingiu o centro líquido do globo ocular.

Ele não gritou. Ele fez uma espécie de latido canino, um grunhido de latido, e puxou-a com força para o lado, tentando arrancá-la do chão. Seus antebraços estavam queimados de sol e descascando. De perto, ela podia ver que o nariz dele estava descascando muito, muito, a ponte do nariz queimando com queimaduras de sol. Ele fez uma careta, mostrando os dentes manchados de rosa e verde.

Sua mão caiu, soltou o chaveiro. Continuava pendendo da órbita do olho esquerdo, as outras teclas dançando umas contra as outras e quicando em sua bochecha barbada. O sangue escorria por todo o lado esquerdo do rosto de Humbolt, e aquele olho era um buraco vermelho brilhante.

A grama fervilhava ao redor deles. O vento aumentou, e as lâminas altas se debateram e bateram nas costas e nas pernas de Becky.

Ele deu uma joelhada na barriga dela. Era como ser espancado com um pedaço de lenha. Becky sentiu dor e algo pior que dor, em um lugar baixo onde o abdome encontrava a virilha. Era uma espécie de contração muscular, uma torção, como se houvesse uma corda amarrada em seu ventre, e alguém a tivesse puxado com força; mais apertado do que deveria.

“Oh Becky! Oh garota! Sua bunda - sua bunda é grama agora! ele gritou, uma nota de hilaridade louca oscilando em sua voz.

Ele deu uma joelhada no estômago dela novamente e depois uma terceira vez. Cada golpe desencadeava uma detonação fresca, negra e venenosa. *Ele está matando o bebê,* pensou Becky. Algo escorreu pela parte interna de sua perna esquerda. Se era sangue ou urina, ela não saberia dizer.

Dançaram juntos, a grávida e o caolho. Eles dançaram na grama, os pés esmagando, as mãos dele na garganta dela. Os dois cambalearam em um semicírculo oscilante ao redor do cadáver de Natalie Humbolt. Becky estava ciente do corpo morto à sua esquerda, tinha vislumbres de coxas pálidas, sangrentas e mordidas, saia jeans amarrotada e a calcinha de vovó manchada de grama de Natalie. E o braço dela — o braço de Natalie na grama, logo atrás dos pés de Ross Humbolt. O braço sujo e decepado de Natalie (como ele o removeu? ele o arrancou como uma coxa de frango?) estava com os dedos levemente curvados, sujeira sob suas unhas rachadas.

Becky atirou-se em Ross, jogou seu peso para frente. Ele deu um passo para trás, colocou o pé naquele braço e ele girou sob seu calcanhar. Ele soltou um grito raivoso e grunhido de angústia quando se derramou, puxando-a com ele. Ele não soltou a garganta dela até atingir o chão, seus dentes se unindo com um estalo audível *!*

Ele absorveu a maior parte do impacto, a massa elástica de sua barriga suburbana-batista suavizando sua própria queda. Ela empurrou-se fora dele, começou a correr de quatro na grama.

Só que ela não conseguia se mover rapidamente. Suas entranhas pulsavam com um peso terrível e sensação de tensão, como se ela tivesse engolido uma bola medicinal. Ela queria vomitar.

Ele pegou seu tornozelo e puxou. Ela caiu de bruços, sobre seu estômago ferido e latejante. Uma pontada de dor explosiva atravessou seu abdômen, uma sensação de algo estourando. Seu queixo bateu na terra molhada. Sua visão fervilhava de manchas pretas.

“Aonde você vai, Becky DeMuth?” Ela não disse a ele seu sobrenome. Ele não podia saber disso. “Eu vou te encontrar de novo. A grama vai me mostrar onde você está se escondendo, os homenzinhos dançarinos vão me levar direto até você. Venha aqui. Você não precisa ir para San Diego agora. Nenhuma decisão sobre o bebê será necessária. Tudo feito agora.”

Sua visão clareou. Ela viu, bem na frente dela, em um pedaço de grama achatado, uma bolsa de palha de mulher, o conteúdo jogado fora, e no meio da bagunça, um pequeno par de tesouras de manicure - elas quase pareciam mais um alicate do que uma tesoura. As lâminas estavam pegajosas de sangue. Ela não queria pensar em como Ross Humbolt, de Poughkeepsie, poderia ter usado aquela ferramenta, ou como ela mesma poderia usá-la agora.

No entanto, ela fechou a mão em torno dele.

“Venha aqui, eu disse,” Ross disse a ela. “ *Agora*, vadia.” Arrastando no pé.

Ela se virou e empurrou de volta para ele, com a tesoura de manicure de Natalie Humbolt em um punho. Ela o atingiu no rosto, uma, duas, três vezes, antes que ele começasse a gritar. Foi um grito de dor, mesmo que, antes que ela terminasse com ele, tivesse se transformado em grandes gargalhadas soluçantes. Ela pensou: *O garoto riu também.* Então por um bom tempo ela pensei nada. Não até depois do nascer da lua.

• • •

Na última luz do dia, Cal estava sentado na grama, enxugando as lágrimas do rosto.

Ele nunca cedeu ao choro total. Ele só caiu de bunda, depois de quem sabe quantas andanças infrutíferas e chamando por Becky — ela havia parado de responder a ele há muito tempo — e então, por um tempo, seus olhos estavam formigando e úmidos, e sua respiração um pouco espessa.

O crepúsculo era glorioso. O céu era de um azul profundo e austero, escurecendo quase até o preto, e a oeste, atrás da igreja, o horizonte estava iluminado com o brilho infernal de carvões moribundos. Ele via isso de vez em quando, quando tinha energia para pular e olhar, e podia se convencer de que havia algum sentido em olhar ao redor.

Seus tênis estavam encharcados, o que os tornava pesados, e seus pés doíam. O interior de suas coxas coçava. Ele tirou o sapato direito e despejou um fio de água sujo dele. Ele não estava usando meias, e seu pé descalço tinha a aparência branca e enrugada de uma coisa afogada.

Ele tirou o outro tênis, estava prestes a jogá-lo fora, então hesitou. Levou-o aos lábios, inclinou a cabeça para trás e deixou que água arenosa — água que tinha gosto de seu próprio pé fedorento — escorresse por sua língua.

Ele tinha ouvido Becky and the Man, bem longe na grama. Ouvira o Homem falando com ela com uma voz alegre e embriagada, quase lhe dando um sermão, embora Cal não fosse capaz de entender muito do que foi realmente dito. Algo sobre uma rocha. Algo sobre dançarinos. Algo sobre estar com sede. Um verso de alguma velha canção folclórica. O que o cara estava cantando? *Vinte anos escrevendo e eles te colocaram no turno da noite.* Não, isso não estava certo. Mas algo próximo a isso. A música folclórica não era uma área de especialização para Cal; ele era mais um fã do Rush. Eles estavam surfando em *Ondas Permanentes por* todo o país.

Então ele ouviu os dois se debatendo e lutando na grama, ouviu os gritos sufocados de Becky e o homem reclamando dela. Finalmente vieram gritos. . . gritos que eram terrivelmente como gritos de hilaridade. Não Becky. O homem.

A essa altura, Cal estava histérico, correndo, pulando e gritando por ela. Ele gritou e correu por um longo tempo antes de finalmente se controlar, obrigando-se a parar e ouvir. Ele havia se curvado, segurando os joelhos e ofegante, sua garganta doendo de sede, e voltou sua atenção para o silêncio.

A grama silenciou.

“Becky?” ele chamou de novo, com a voz rouca. “Beck?”

Nenhuma resposta, exceto pelo vento deslizando nas ervas daninhas.

Ele andou um pouco mais. Ele ligou novamente. Ele sentou. Ele tentou não chorar.

E o crepúsculo era glorioso.

Ele vasculhou seus bolsos, pela centésima vez sem esperança, agarrado pela terrível fantasia de descobrir um pedaço seco e felpudo de Juicy Fruit. Ele havia comprado um pacote de Juicy Fruit na Pensilvânia, mas ele e Becky o dividiram antes de chegarem à fronteira de Ohio. Juicy Fruit foi um desperdício de dinheiro. Aquele lampejo cítrico de açúcar sempre desaparecia em quatro mastigadas e... ele sentiu uma aba de papel duro e retirou uma caixa de fósforos. Cal não fumava, mas eles estavam dando de graça na pequena loja de bebidas do outro lado da rua do Kaskaskia Dragon em Vandalia. Tinha uma foto do dragão de aço inoxidável de 10 metros de comprimento na capa. Becky e Cal pagaram por um punhado de fichas e passaram a maior parte do início da noite alimentando o grande dragão de metal para ver jatos de propano em chamas irromperem de suas narinas. Cal imaginou o dragão pousado no campo e ficou tonto de prazer ao pensar nele exalando uma nuvem de fogo destruidora na grama.

Ele virou a caixa de fósforos na mão, folheando o papelão macio.

*Queime o campo*, pensou. *Queime a porra do campo.* A grama alta seguiria o caminho de toda palha quando alimentada ao fogo.

Ele visualizou um rio de grama queimando, faíscas e pedaços de erva torrada flutuando no ar. Era uma imagem mental tão forte que ele podia fechar os olhos e quase *cheirá* -la, o fedor de algum modo saudável de fim de verão de verde queimado.

E se as chamas se voltassem contra ele? E se pegou Becky em algum lugar? E se ela estivesse desmaiada e acordasse com o fedor de seu próprio cabelo queimado?

Não. Becky ficaria à frente disso. *Ele* ficaria à frente disso. A ideia estava nele de que ele tinha que *machucar* a grama, mostrar que não estava aguentando mais merda, e então isso o deixaria – deixar os dois – ir. Cada vez que um fio de grama roçava sua bochecha, ele sentia que o estava provocando, se divertindo com ele.

Ele se levantou com as pernas doloridas e puxou a grama. Era uma corda velha e dura, dura e afiada, e machucou suas mãos, mas ele arrancou um pouco, esmagou-o em uma pilha e se ajoelhou diante dele, um penitente em um altar particular. Ele rasgou um fósforo, colocou-o contra a tira, dobrou a tampa contra ela para mantê-la no lugar e puxou. O fogo jorrou. Seu rosto estava perto e ele inalou um cheiro ardente de enxofre.

O fósforo se apagou no momento em que ele o tocou na grama molhada, os caules pesados com um orvalho que nunca secava e densos com suco.

Sua mão tremeu quando ele acendeu o próximo.

Ela assobiou quando ele a tocou na grama e apagou. Jack London não tinha escrito uma história sobre isso?

Outro. Outro. Cada fósforo produzia uma baforada de fumaça assim que tocava o gramado molhado. Um nem sequer conseguiu entrar na grama, mas foi soprado pela brisa suave assim que foi iluminado.

Finalmente, quando faltavam seis fósforos, ele acendeu um e, em desespero, encostou-o no próprio livro. A caixa de fósforos de papel acendeu em um flash branco quente e ele a jogou no ninho de grama chamuscada, mas ainda úmida. Por um momento, pousou no topo dessa massa de ervas daninhas verde-amareladas, uma longa e língua brilhante de chama subindo dela.

Então a caixa de fósforos abriu um buraco na grama úmida, caiu na lama e se apagou.

Ele chutou toda a bagunça em um espasmo de desespero doentio e feio. Era a única maneira de não chorar novamente.

Então ele ficou parado, olhos fechados, testa contra o joelho. Ele estava cansado e queria descansar, queria deitar de costas e ver as estrelas aparecerem. Ao mesmo tempo, ele não queria se afundar na lama grudenta, não queria isso em seu cabelo, encharcando as costas de sua camisa. Ele já estava sujo o suficiente. Suas pernas nuas estavam listradas pela chicotada que as bordas afiadas da grama haviam lhe dado. Ele pensou que deveria tentar caminhar em direção à estrada novamente - antes que a luz se apagasse completamente - mas mal podia suportar ficar de pé.

O que o fez finalmente se levantar foi o som distante de um alarme de carro disparando. Mas não é *qualquer* alarme de carro, não. Este não fez *wah-wah-wah,* como a maioria deles; este fez *WHEEK-honk, WHEEK-honk, WHEEK-honk.* Até onde ele sabia, apenas os velhos Mazdas buzinavam assim quando eram violados, piscando os faróis a tempo.

Como aquela em que ele e Becky partiram para atravessar o país.

*WHEEK-buzina, WHEEK-buzina, WHEEK-buzina.*

Suas pernas estavam cansadas, mas ele pulou mesmo assim. A estrada estava mais próxima novamente (não que isso importasse), e sim, ele podia ver um par de faróis piscando. Não muito mais, mas ele não precisava ver muito mais para adivinhar o que estava acontecendo. O povo junto esse trecho da estrada saberia tudo sobre o campo de grama alta em frente à igreja e a extinta pista de boliche. Eles saberiam manter seus próprios filhos no lado seguro da estrada. E quando o turista ocasional ouvia gritos de socorro e desaparecia na grama alta, determinado a fazer a parte do Bom Samaritano, os moradores visitavam os carros e levavam o que valia a pena levar.

*Eles provavelmente amam este antigo campo. E temê-lo. E adorá-lo. E-*

Ele tentou desligar a conclusão lógica, mas não conseguiu.

*E sacrifício para isso. Os swags que encontram nos baús e porta-luvas? Apenas um pequeno bônus.*

Ele queria Becky. Oh Deus, como ele queria Becky. E oh Deus, como ele queria algo para comer. Ele não conseguia decidir o que queria mais.

“Becky? *Becky?* ”

Nenhuma coisa. No alto, as estrelas agora brilhavam.

Cal caiu de joelhos, pressionou as mãos no chão lamacento e puxou mais água. Ele bebeu, tentando filtrar a areia com os dentes. *Se Becky estivesse comigo, poderíamos descobrir isso. Eu sei que poderíamos. Porque Ike e Mike pensam igual.*

Ele pegou mais água, desta vez esquecendo de filtrá-la e engolindo mais areia. Também algo que se contorceu. Um bug, ou talvez um pequeno verme. Bem, e daí? Era proteína, certo?

"Eu nunca vou encontrá-la", disse Cal. Ele olhou para a grama que escurecia e ondulava. “Porque você não vai me deixar, vai? Você mantêm as pessoas que se amam à parte, não é? Esse é o trabalho um, certo? Nós apenas daremos voltas e mais voltas, chamando um pelo outro, até ficarmos loucos.”

Exceto que Becky *parou de* ligar. Como mamãe, Becky tinha ido...

"Não tem que ser assim", disse uma voz pequena e clara.

A cabeça de Cal virou. Um garotinho com roupas sujas de lama estava parado ali. Seu rosto estava apertado e imundo. Em uma mão ele segurava um corvo morto por uma perna amarela.

"Armazenar?" Cal sussurrou.

"Este sou eu." O menino levou o corvo à boca e enterrou o rosto em sua barriga. As penas estalaram. O corvo acenou com a cabeça morta como se dissesse *Isso mesmo, vá direto lá, vá para a carne da coisa.*

Cal teria dito que estava cansado demais para saltar depois de seu último salto, mas o horror tem seus próprios imperativos, e ele saltou de qualquer maneira. Ele arrancou o corvo das mãos enlameadas do menino, mal registrando as entranhas se desenrolando de sua barriga aberta. Embora ele tenha visto a pena presa ao lado da boca do menino. Ele viu isso muito bem, mesmo na escuridão crescente.

“Você não pode comer isso! *Jesus*, garoto! O que você é, louco?”

“Não estou louco, capitão Cal, apenas com fome. E os corvos não são ruins. Eu não podia comer nada de Freddy. Eu o amava, veja. Papai comeu um pouco, mas eu não. Claro, eu não tinha tocado a pedra então. Quando você toca a pedra – abrace-a, tipo – você pode ver. Você só sabe muito mais. Isso deixa você com mais fome, no entanto. E como meu pai diz, a carne de um homem e um homem tem que comer. Depois que fomos para a rocha que nos separamos, mas ele disse que poderíamos nos encontrar novamente quando quiséssemos.”

Cal ainda estava uma volta atrás. “Freddy?”

“Ele era nosso ouro. Fez grandes capturas de Frisbee. Assim como um cachorro na TV. É mais fácil encontrar coisas aqui depois de mortas. O campo não move coisas mortas.” Seus olhos brilharam na luz fraca, e ele olhou para o corvo mutilado, que Cal ainda segurava. “Acho que a maioria

dos pássaros se afasta da grama. Acho que eles sabem, e contam uns aos outros. Mas alguns não ouvem. Os *corvos* não ouvem mais, eu acho, porque há alguns mortos aqui. Vagueie por um tempo e você os encontrará."

Cal disse: "Tobin, você nos atraiu aqui? Conte-me. Eu não vou ficar bravo. Seu pai obrigou você a fazer isso, aposto.

"Ouvimos alguém gritando. Uma garotinha. Ela disse que estava perdida. Foi assim *que* entramos. É assim que *funciona*. Ele fez uma pausa. "Meu pai matou sua irmã, aposto."

"Como você sabe que ela é minha irmã?"

"A rocha," ele disse simplesmente. "A rocha ensina você a ouvir a grama, e a grama alta sabe tudo."

"Então você deve saber se ela está morta ou não."

"Eu poderia descobrir para você", disse Tobin. "Não. Eu posso fazer melhor que isso. Eu posso te mostrar. Você quer ir ver? Você quer checar ela? Vamos. Me siga."

Sem esperar por uma resposta, o garoto se virou e caminhou para a grama. Cal largou o corvo morto e disparou atrás dele, não querendo perdê-lo de vista nem por um segundo. Se se o fizesse, poderia vagar para sempre sem encontrá-lo novamente. *Eu não vou ficar bravo,* ele disse a Tobin, mas ele *estava* bravo. *Realmente* louco. Não era louco o suficiente para matar uma criança, claro que não ( *provavelmente* é claro que não), mas também não ia perder o bode de Judas de sua vista.

Só ele o fez, porque a lua se erguia acima da grama, inchada e alaranjada. *Parece grávida,* ele pensou, e quando olhou para baixo, Tobin havia sumido. Ele forçou as pernas cansadas a correr, empurrando a grama, enchendo os pulmões para chamar. Então não havia mais grama para empurrar. Ele estava em uma clareira — uma clareira de verdade, não apenas grama batida. No meio dela, uma enorme pedra preta se projetava do chão. Era do tamanho de uma caminhonete e estava toda gravada com pequenos homens dançantes. Eles eram brancos e pareciam flutuar. Eles pareciam se *mover.*

Tobin ficou ao lado dele, então estendeu uma mão e tocou nele. Ele estremeceu — não de medo, pensou Cal, mas de prazer. "Rapaz, isso é bom. Vamos, Capitão Cal. Tente." Ele acenou.

Cal caminhou em direção à rocha.

• • •

Houve um alarme de carro por um tempo, então ele parou. O som entrou nos ouvidos de Becky, mas não fez nenhuma conexão com seu cérebro. Ela rastejou. Ela fez isso sem pensar. Cada vez que uma nova cãibra a atingia, ela parava com a testa pressionada contra a sujeira e seu traseiro no ar, como um dos fiéis saudando Alá. Quando a cãibra passou, ela engatinhou um pouco mais. Seu cabelo manchado de lama estava grudado em seu rosto. Suas pernas estavam molhadas com o que quer que estivesse saindo

dela. Ela sentiu que estava se esgotando, mas não pensou nisso mais do que pensara no alarme do carro. Ela lambia a água da grama enquanto rastejava, virando a cabeça para um lado e para o outro, sacudindo a língua como uma cobra, *bisbilhoteiro.* Ela fez isso sem pensar.

A lua surgiu, enorme e laranja. Ela virou a cabeça para olhar para ele e quando o fez, a pior cãibra ainda a atingiu. Este não passou. Ela caiu de costas e arranhou seu short e calcinha para baixo. Ambos estavam encharcados e escuros. Por fim, um pensamento claro e coerente surgiu em sua mente como um relâmpago de calor: *O bebê!*

Ela estava deitada de costas na grama com as roupas ensanguentadas nos tornozelos e os joelhos abertos e as mãos na virilha. Coisas esnobes espremidas por entre seus dedos. Então veio uma cãibra paralisante, e com ela algo redondo e duro. Uma caveira. Sua curva se encaixava em suas mãos com doce perfeição. Foi Justine (se for menina), ou Brady (se for menino). Ela estava mentindo para todos eles sobre não ter se decidido; ela sabia desde o início que este bebê seria um guardião.

Ela tentou gritar e nada saiu além de um som sussurrante de *hhhhaaaahhh* . A lua olhou para ela, o olho de um dragão injetado de sangue. Ela empurrou o mais forte que pôde, sua barriga como uma tábua, sua bunda enfiada no chão lamacento. Algo rasgou. Algo *deslizou.* Algo chegou em suas mãos. De repente ela estava vazia lá embaixo, tão vazia, mas pelo menos suas mãos estavam cheias.

Ao luar vermelho-alaranjado, ela criou o filho de seu corpo, pensando: *Está tudo bem, mulheres de todo o mundo dão à luz nos campos.*

Era Justine.

"Ei, menina," ela resmungou. "Oooh, você é tão pequeno."

E tão silencioso.

• • •

De perto, era fácil ver que a pedra não era do Kansas. Tinha a qualidade vítrea negra da pedra vulcânica. O luar lançava um brilho iridescente em suas superfícies angulares, criando manchas de luz em tons de jade e pérola.

Os homens-pau e as mulheres-pau estavam de mãos dadas enquanto dançavam em ondas curvas de grama.

De oito passos para trás, eles pareciam flutuar um pouco acima da superfície daquele grande pedaço do que provavelmente não era obsidiana.

De *seis* passos para trás, eles pareciam estar suspensos logo *abaixo* da superfície vítrea negra, objetos esculpidos de luz, como hologramas. Era impossível mantê-los em foco. Era impossível desviar o olhar.

A quatro passos da rocha, ele podia *ouvir* . A rocha emitiu um zumbido discreto, como o filamento eletrificado em uma lâmpada de tungstênio. Ele não podia *sentir* , no entanto, ele não estava ciente de que o lado esquerdo de seu rosto começava a ficar rosado, como se fosse uma queimadura de sol. Ele não tinha nenhuma sensação de calor.

*Afaste-se disso,* ele pensou, mas achou curiosamente difícil dar um passo para trás. Seus pés não pareciam mais se mover naquela direção.

"Eu pensei que você ia me levar para Becky."

“Eu disse que íamos ver como ela estava. Nós somos. Vamos verificar com a pedra.

"Eu não me importo com sua maldita, eu só quero Becky."

“Se você tocar na pedra, não estará mais perdido”, disse Tobin. “Você nunca mais se perderá. Você será redimido. Não é legal?” Ele distraidamente removeu a pena preta que estava presa no canto de sua boca.

"Não", disse Cal. “Eu não acho que seja. Prefiro ficar perdido.” Talvez fosse apenas sua imaginação, mas o zumbido parecia estar ficando mais alto.

"Ninguém prefere ficar perdido", disse o menino, amigavelmente. “Becky não quer ficar perdida. Ela abortou. Se você não conseguir encontrá-la, acho que ela provavelmente morrerá.”

"Você está mentindo", disse ele, sem qualquer convicção.

Ele pode ter se aproximado meio passo. Uma luz suave e fascinante começou a subir no centro da rocha, atrás daquelas figuras flutuantes. . . como se aquele zumbido de tungstênio que ele ouvia estivesse embutido cerca de meio metro abaixo da superfície da pedra, e alguém o estivesse discando lentamente.

“Eu não sou,” o menino disse. "Olhe de perto, e você pode vê-la."

Lá embaixo, no interior de quartzo defumado da rocha, ele viu as linhas escuras de um rosto humano. Ele pensou, a princípio, que estava olhando para seu próprio reflexo. Mas embora fosse semelhante, não era dele. Era Becky, seus lábios repuxados em uma careta canina de dor. Coágulos de sujeira manchavam um lado de seu rosto. Tendões tensos em sua garganta.

“Beck?” ele disse, como se ela pudesse ouvi-lo.

Ele deu outro passo à frente – ele não pôde evitar – inclinando-se para ver. Suas palmas estavam erguidas diante dele, em uma espécie de gesto *de não ir mais longe* , mas ele não podia senti-las começando a empolar por causa do que quer que estivesse irradiando da pedra.

*Não, perto demais,* pensou ele, e tentou se jogar para trás, mas não conseguiu tração. Em vez disso, seus calcanhares deslizaram, como se ele estivesse no topo de um monte de terra macia cedendo abaixo dele. Mas o chão era plano; ele deslizou para a frente porque a *pedra o* tinha, tinha sua própria gravidade, e o atraía como um ímã atrai sucata de ferro.

Nas profundezas da vasta e irregular bola de cristal da grande rocha, Becky abriu os olhos e pareceu olhá-lo com admiração e terror.

O zumbido subiu em sua cabeça.

O vento subiu com ele. A grama se jogava de um lado para o outro, em êxtase.

No último instante, ele percebeu que sua carne estava queimando, que sua pele estava fervendo no clima antinatural que existia no espaço imediato ao redor da rocha. Ele sabia que quando tocasse a pedra, seria

como colocar as palmas das mãos em uma frigideira aquecida, e ele começou a gritar—

— então parou, o som preso em sua garganta subitamente apertada.

A pedra não estava nem um pouco quente. Isso foi legal. Estava abençoadamente fresco e ele deitou o rosto sobre ela, um peregrino cansado que finalmente chegou ao seu destino e pode finalmente descansar.

• • •

Quando Becky levantou a cabeça, o sol estava nascendo ou se pondo, e seu estômago doía, como se ela estivesse se recuperando de uma semana de gripe estomacal. Ela enxugou o suor do rosto com a parte de trás de um braço, levantou-se e saiu da grama, direto para o carro. Ela ficou aliviada ao descobrir que as chaves ainda estavam penduradas na ignição. Becky saiu do estacionamento e seguiu pela estrada, dirigindo devagar.

No começo ela não sabia para onde estava indo. Era difícil pensar além da dor em seu abdômen, que vinha em ondas. Às vezes era um latejar surdo, a dor dos músculos sobrecarregados; outras vezes se intensificava sem aviso em uma dor aguda, de algum modo aquosa, que a atravessava nas entranhas e queimava em sua virilha. Seu rosto estava quente e febril e mesmo dirigir com as janelas abertas não a esfriava.

Agora estava chegando a noite e o dia moribundo cheirava a gramados recém-cortados e churrascos no quintal e meninas pronto para sair em encontros e beisebol sob as luzes. Ela rolou pelas ruas de Durham, New Hampshire, no brilho vermelho opaco, o sol uma gota inchada de sangue no horizonte. Ela passou pelo Stratham Hill Park, onde havia corrido com sua equipe de atletismo no ensino médio. Ela deu uma volta no campo de beisebol. Um bastão de alumínio trincou. Os meninos gritaram. Uma figura escura correu para a primeira base com a cabeça baixa.

Becky dirigia distraída, cantando uma de suas rimas para si mesma, apenas meio consciente de que estava fazendo isso. Ela cantou sussurrando a mais antiga que conseguiu encontrar quando estava pesquisando seu artigo, uma rima que havia sido escrita bem antes de a forma se transformar em riffs grotescos sobre foda, embora apontasse nessa direção:

*"Uma garota uma vez se escondeu na grama alta,"* ela cantarolou.
*"E emboscaram qualquer menino que passasse.*
*Como os leões comem gazelas,*
*tantos homens caíram,*
*e cada um tinha um sabor melhor que o anterior."*

*Uma garota,* ela pensou, quase aleatoriamente. *Sua garota.* Ocorreu-lhe, então, o que ela estava fazendo. Ela estava procurando por sua garota, aquela que ela deveria estar cuidando, e oh Jesus, que bagunça profana, a criança se afastou dela, e Becky teve que encontrá-la antes que os pais

chegassem em casa, e estava ficando escuro rápido, e ela não conseguia nem lembrar o nome do merdinha.

Ela lutou para lembrar como isso poderia ter acontecido. Por um momento, o passado recente foi um branco enlouquecedor. Então veio a ela. A garota queria balançar no quintal, e Becky disse *Vá em frente, tudo bem,* mal prestando atenção. Na época, ela estava trocando mensagens de texto com Travis McKean. Eles estavam brigando. Becky nem mesmo ouviu a porta de tela traseira se fechar.

*o que devo dizer à minha mãe,* disse Travis, *nem sei se quero continuar na faculdade e muito menos começar uma família.* E essa joia: *se a gente casar eu vou ter que dizer SIM para o seu mano também? ele está sempre sentado na sua cama lendo uma revista de skate, estou surpreso que ele não estava sentado lá assistindo a noite em que te engravidei. Você quer uma família, você deve começar uma com ele*

Ela deu um pequeno grito na garganta e jogou o telefone contra a parede, deixando um amassado no gesso, esperando que os pais voltassem bêbados e não percebessem. (Quem eram os pais, afinal? De quem era essa casa?) Beck havia ido até a janela panorâmica que dava para o quintal, afastando o cabelo do rosto, tentando acalmá-la de volta — e viu o balanço vazio movendo-se suavemente. a brisa, correntes chiando baixinho. O portão dos fundos estava aberto para a garagem.

Ela saiu para a noite perfumada de jasmim e gritou. Ela gritou na calçada. Ela gritou no quintal. Ela gritou até o estômago doer. Ela parou no meio da estrada vazia e gritou “Ei, garoto, ei!” com as mãos em concha em volta da boca. Ela desceu o bloco e na grama e passou o que parecia ser dias empurrando o mato alto, procurando a criança rebelde, sua responsabilidade perdida. Quando ela finalmente saiu, o carro estava esperando por ela, e ela partiu. E aqui estava ela, dirigindo sem rumo, examinando as calçadas, um pânico animal desesperado crescendo dentro dela. Ela havia perdido sua garota. Sua garota tinha se afastado dela – criança rebelde, responsabilidade perdida – e quem sabia o que aconteceria com ela, o que poderia estar acontecendo com ela agora. O não-saber fez seu estômago doer. Isso fez seu estômago doer *muito* .

Uma tempestade de passarinhos fluía pela escuridão acima da estrada.

Sua garganta estava seca. Ela estava com tanta sede que mal podia suportar.

A dor a esfaqueou, entrou e saiu, como um amante.

Quando ela passou pelo campo de beisebol pela segunda vez, todos os jogadores tinham ido para casa. *O jogo chamava por causa da escuridão,* pensou ela, uma frase que fazia seus braços se arrepiarem, e foi quando ela ouviu uma criança gritar.

“BECKY!” gritou a garotinha. "É HORA DE COMER!" Como se Becky fosse aquela que estava perdida. “É HORA DE COMER!”

"O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO, MENINA?" Becky gritou de volta, encostando no meio-fio. "VOCÊ VEM AQUI! VEM AQUI AGORA!”

"VOCÊ TERÁ QUE ME *ENCONTRAR* !" gritou a menina, ela voz tonta de prazer. “SIGA A MINHA VOZ!”

Os gritos pareciam vir do outro lado do campo, onde a grama era alta. Ela já não tinha olhado lá? Ela não tinha percorrido toda a grama, tentando encontrá-la? Ela mesma não tinha se perdido um pouco na grama?

“HOUVE UM VELHO AGRICULTOR DE LEEDS!” a menina gritou.

Becky começou a atravessar o campo interno. Ela deu dois passos e houve uma sensação de dilaceração em seu ventre e ela gritou.

“QUEM ENGOLIU UM SACO DE SEMENTES FULLA!” a garota vibrou, sua voz vibrando com uma risada mal controlada.

Becky parou, exalou a dor, e quando o pior passou, ela deu outro passo cauteloso. Imediatamente, a dor voltou, pior do que antes. Ela teve a sensação de coisas se rasgando por dentro, como se seus intestinos fossem um lençol, esticado, começando a rasgar ao meio.

“GRANDES GRANDES DE GRAMA”, a garota gritou, “BROTARAM DE SUA bunda!”

Becky soluçou novamente, deu um terceiro passo cambaleante, quase até a segunda base agora, a grama alta não muito longe, e então outra pontada de dor a atravessou e ela caiu de joelhos.

“E SUAS BOLAS CRESCEM TODAS DE MALHA COM ERVA!” a garota gritou, a voz tremendo de tanto rir.

Becky agarrou o odre vazio e flácido de seu estômago e fechou os olhos e abaixou a cabeça, e esperou por alívio, e quando ela se sentiu um pouquinho melhor, ela abriu os olhos. . .

• • •

E Cal estava lá, na luz cinzenta do amanhecer, olhando para ela. Seus próprios olhos eram afiados e ávidos.

"Não tente se mover", disse ele. “Não por um tempo. Apenas descanse. Estou aqui."

Ele estava nu da cintura para cima, ajoelhado ao lado dela. Seu peito esquelético estava muito pálido na meia-luz cor de pomba. Seu rosto estava queimado de sol – gravemente, uma bolha bem na ponta do nariz – mas, fora isso, ele parecia descansado e bem. Não, mais do que isso: ele parecia de olhos brilhantes e cauda espessa.

"O bebê", ela tentou dizer, mas nada saiu, apenas um clique raspando, o som de alguém tentando arrombar uma fechadura enferrujada com ferramentas enferrujadas.

"Você está com sede? Aposto que você é. Aqui. Pegue isso. Coloque na boca.” Ele empurrou uma torção fria e encharcada de sua camiseta em sua boca. Ele o havia saturado com água e o enrolado em uma corda.

Ela chupou avidamente, uma criança amamentando faminta.

“Não”, ele disse, “não mais. Você vai ficar doente.” Tirando a corda de algodão molhada dela, deixando-a ofegante como um peixe em um balde.

"Bebê", ela sussurrou.

Cal sorriu para ela — seu melhor e mais louco sorriso. “Ela não é *ótima* ? Eu tenho ela. Ela é perfeita. Saiu do forno e assou direitinho!”

Ele estendeu a mão para o lado e levantou um pacote embrulhado em a camiseta de outra pessoa. Ela viu um pequeno nariz azulado saindo da mortalha. Não; não um sudário. Sudários eram para cadáveres. Estava enrolando. Ela deu à luz uma criança aqui, na grama alta, e não precisou nem do abrigo de uma manjedoura.

Cal, como sempre, falou como se tivesse uma linha direta com seus pensamentos particulares. “Você não é a pequena Mãe Maria? Imagina quando os Reis Magos vão aparecer! Imagino que presentes eles terão para nós!”

Um menino sardento e queimado de sol apareceu atrás de Cal. Ele estava de peito nu também. Provavelmente era a camisa dele enrolada no bebê. Ele se inclinou, com as mãos nos joelhos, para olhar seu bebê enfaixado.

“Ela não é maravilhosa?” Cal perguntou, mostrando o menino.

"Delicioso, capitão Cal", disse o menino.

Becky fechou os olhos.

• • •

Ela dirigiu no crepúsculo, a janela abaixada, a brisa soprando seu cabelo para trás de seu rosto. A grama alta margeava os dois lados da estrada, estendendo-se à sua frente até onde ela podia ver. Ela passaria por isso o resto de sua vida.

“Uma garota uma vez se escondeu na grama alta,” ela cantou para si mesma. “E emboscaram qualquer menino que passasse.”

A grama farfalhava e arranhava o céu.

• • •

Ela abriu os olhos por alguns momentos, no final da manhã.

Seu irmão estava segurando uma perna de boneca em uma mão, suja de lama. Ele a encarou com uma fascinação brilhante e estúpida, enquanto mastigava. Era uma coisa real, gordinha e gordinha, mas um pouco pequena, e também uma cor azul-pálida engraçada, como leite quase congelado. *Cal, você não pode comer plástico,* ela pensou em dizer, mas dava muito trabalho.

O garotinho estava sentado atrás dele, virado de perfil, lambendo algo das palmas das mãos. Geleia de morango, parecia.

Havia um cheiro forte no ar, um odor parecido com uma lata de peixe recém-aberta. Isso fez seu estômago roncar. Mas ela estava fraca demais para se sentar, fraca demais para dizer qualquer coisa, e quando ela abaixou a cabeça contra o chão e fechou os olhos, ela mergulhou de volta no sono.

• • •

Desta vez não houve sonhos.

• • •

Em algum lugar um cachorro latiu: *roop-roop* . Um martelo começou a cair, uma pancada após a outra, chamando Becky de volta à consciência.

Seus lábios estavam secos e rachados e ela estava com sede uma vez mais. Sedento *e* faminto. Ela sentiu como se tivesse sido chutada no estômago algumas dezenas de vezes.

— Cal — ela sussurrou. “Cal.”

"Você precisa comer", disse ele, e colocou um fio de algo frio e salgado em sua boca. Seus dedos tinham sangue neles.

Se ela estivesse em sã consciência, ela poderia ter engasgado. Mas tinha um gosto bom, na verdade, um fio de algo salgado-doce, com a textura gordurosa de uma sardinha. Até cheirava um pouco como uma sardinha. Ela chupou tanto quanto chupou a corda molhada da camisa de Cal.

Cal soluçou quando ela chupou o fio do que quer que fosse em sua boca, chupou como espaguete e engoliu. Tinha um gosto ruim, amargo-azedo, mas até isso era bom. Como a comida equivalente ao sabor que você tem depois de beber uma margarita e lamber um pouco do sal da borda do seu copo. O soluço de Cal soou quase como um soluço de riso.

"Dê a ela outro pedaço", disse o menino, inclinando-se sobre o ombro de Cal.

Cal deu-lhe outro pedaço. “Sim, sim. Snark esse pequeno bebê para baixo.

Ela engoliu em seco e fechou os olhos novamente.

• • •

Quando ela acordou novamente, ela estava por cima do ombro de Cal, e ela estava se movendo. Sua cabeça balançou e ela estômago revirado a cada passo.

Ela sussurrou: “Nós comemos?”

"Sim."

“ *O* que comemos?”

“Algo delicioso. Esplêndido-tiddly- *umptious* .”

*— Cal, o que comemos?*

Ele não respondeu, apenas empurrou para o lado a grama salpicada de gotas marrons e entrou em uma clareira. No centro havia uma enorme pedra preta. Ao lado dele estava o garotinho.

*Aí está você,* ela pensou. *Eu persegui você por todo o bairro.*

Só que não tinha sido uma pedra. Você não poderia perseguir uma *pedra* . Tinha sido uma *menina.*

Uma garota. *Minha* garota. Minha responsa—

*“O QUE COMEMOS?”* Ela começou a socá-lo, mas seus punhos estavam fracos, fracos. *"OH DEUS! OH MEU JESUS!”*

Ele a colocou no chão e olhou para ela primeiro com surpresa e depois diversão. “O que você acha que nós comemos?” Ele olhou para o garoto, que estava sorrindo e balançando a cabeça, do jeito que você faz quando alguém acaba de puxar uma ereção realmente hilária. “Beck. . . querida . . . acabamos de comer um pouco da *grama.* Grama e sementes e assim por diante. As vacas fazem isso o tempo todo.”

“Havia um velho fazendeiro de Leeds”, cantou o menino, e levou as mãos à boca para abafar o riso. Seus dedos estavam vermelhos. “Ele estava com fome e tinha necessidades especiais.”

"Eu não acredito em você", disse Becky, mas sua voz soou fraca. Ela estava olhando para a pedra. Foi incisado todo com pequenas figuras dançantes. E sim, nesta luz inicial eles *pareciam* dançar. Estar se movendo em espirais ascendentes, como as listras em um poste de barbeiro.

“Realmente, Beck. O bebê é—é *ótimo* . Seguro. Já estou fazendo a coisa do tio. Toque na pedra e você verá. Você vai entender. Toque na rocha e você será...

Ele olhou para o menino.

*“Resgatado!”* Tobin gritou, e eles riram juntos.

*Ike e Mike,* pensou Becky. *Eles riem iguais.*

Ela caminhou em direção a ela. . . estende a mão. . . então recuou. O que ela tinha comido não tinha gosto de grama. Tinha gosto de sardinha. Como o gole final doce-salgado-amargo de uma margarita. E gosto . . .

*Como* eu. *Como lamber o suor da minha própria axila. Ou . . . ou . . .*

Ela começou a gritar. Ela tentou se virar, mas Cal a segurou por um braço agitado e Tobin pelo outro. Ela deveria ter sido capaz de se libertar da criança, pelo menos, mas ela ainda estava fraca. E a rocha. Estava puxando para ela, também.

“Toque-o,” Cal sussurrou. “Você vai parar de ficar triste. Você verá que o bebê está bem. Pequena Justine. Ela é melhor do que tudo bem. Ela é *elementar* . Becky — ela *flui.* ”

"Sim", disse Tobin. “Toque na pedra. Você vai ver. Você não vai mais se perder aqui. Você vai entender a grama então. Você fará *parte* disso. Como Justine é parte disso.”

Eles a escoltaram até a rocha. Ele cantarolava ocupado. Felizmente. De dentro veio o brilho mais maravilhoso. Do lado de fora, homenzinhos de pau e mulheres de pau dançavam com seus vara as mãos erguidas. Havia música. Ela pensou: *toda carne é grama.*

Becky DeMuth abraçou a pedra.

• • •

Havia sete deles em um velho trailer preso por espeto, arame farpado e – talvez – a resina de toda a droga que havia sido fumada dentro de suas paredes enferrujadas. Impressa de um lado, em meio a uma profusão de psicodelia vermelho e laranja, estava a palavra FURTHER , em homenagem ao ônibus escolar International Harvester de 1939 no qual os Merry Pranksters de Ken Kesey visitaram Woodstock durante o verão de 1969. Naquela época, todos, menos o dois desses hippies mais velhos ainda não haviam nascido.

Recentemente, os Pranksters do século XXI estiveram em Cawker City, prestando homenagem à maior bola de barbante do mundo. Desde que partiram, eles pegaram grandes quantidades de drogas e todos estavam com fome.

Foi Twista, o mais novo deles, que avistou o Black Rock of the Redeemer, com sua torre branca alta e estacionamento tão conveniente. “Piquenique na igreja!” ele gritou de seu assento ao lado de Pa Cool, que estava dirigindo. Twista saltava para cima e para baixo, as fivelas do macacão tilintando. “Piquenique na igreja! Piquenique na igreja!”

Os outros o pegaram. O pai olhou para a mãe pelo retrovisor. Quando ela deu de ombros e acenou com a cabeça, ele estacionou AINDA MAIS no estacionamento e estacionou ao lado de um Mazda empoeirado com New Placas de Hampshire.

Os Pranksters (todos vestindo camisetas de lembrança de Ball of Twine e todos cheirando a superbud) empilharam-se. O pai e a mãe, como os mais velhos, eram o capitão e imediato do bom navio *FURTHER*, e os outros cinco — MaryKat, Jeepster, Eleanor Rigby, Frankie the Wiz e Twista — estavam perfeitamente dispostos a seguir ordens, pegando o churrasco. , o refrigerador de carne e, claro, a cerveja. Jeepster e o Wiz estavam montando a churrasqueira quando ouviram a primeira voz fraca.

"Ajuda! *Ajuda!* Alguém me ajude!"

"Isso soa como uma mulher", disse Eleanor.

*"Ajuda! Alguém por favor! Estou perdido!"*

" *Isso* não é uma mulher", disse Twista. “Isso é uma criancinha.”

"Muito longe", disse MaryKat. Ela estava cataclismicamente chapada, e foi tudo o que ela conseguiu pensar em dizer.

O pai olhou para a mãe. A mãe olhou para o pai. Eles estavam com sessenta e poucos anos e estavam juntos há muito tempo — tempo suficiente para ter telepatia de casal.

“O garoto vagou na grama”, disse Ma Cool.

“Mamãe o ouviu gritando e foi atrás dele”, disse Pa Cool.

“Talvez baixo demais para ver o caminho de volta para a estrada”, disse Ma. "E agora-"

“... ambos estão perdidos,” Pa terminou.

"Caramba, isso é uma merda", disse Jeepster. “ *Eu* me perdi uma vez. Foi em um shopping.”

"Muito longe", disse MaryKat.

*"Ajuda! Qualquer pessoa!"* Essa era a mulher.

“Vamos pegá-los”, disse o pai. “Vamos trazê-los para fora e alimentá-los.”

"Boa ideia", disse o Wiz. “Gentileza humana, cara. Eu sou toda sobre a porra da bondade humana.”

Ma Cool não tinha um relógio há anos, mas era bom em contar as horas pelo sol. Ela apertou os olhos para ele agora, medindo a distância entre a bola avermelhada e o campo de grama, que parecia se estender até o horizonte. *Aposto que todo o Kansas parecia assim antes de as pessoas chegarem e estragarem tudo,* ela pensou.

“É *uma* boa ideia”, disse ela. “Está acontecendo às cinco e meia, e aposto que eles estão com muita fome. Quem vai ficar e preparar o churrasco?”

Não havia voluntários. Todos estavam com fome, mas nenhum deles queria perder a missão de misericórdia. No final, todos eles atravessaram a Rota 400 e entraram na grama alta.

AVANÇAR.

Continue lendo para obter uma prévia de

# DOUTOR SONO

por Stephen King

Vindo do Scribner
em setembro de 2013

# PRÓLOGO

# CAIXA

## 1

No segundo dia de dezembro, no ano de 1977, um dos grandes hotéis resort do Colorado foi incendiado. O Overlook foi declarado perda total. Após uma investigação, o corpo de bombeiros do condado de Jicarilla determinou que a causa era uma caldeira defeituosa. O hotel estava fechado para o inverno quando ocorreu o acidente, e apenas quatro pessoas estavam presentes. Três sobreviveram. O zelador fora de temporada do hotel, John Torrance, foi morto durante um esforço malsucedido (e heróico) para despejar a pressão de vapor da caldeira, que havia atingido um nível desastrosamente alto devido a uma válvula de alívio inoperante.

Dois dos sobreviventes eram a esposa e o filho pequeno do zelador. O terceiro foi o chef do Overlook, Richard Hallorann, que deixou seu emprego sazonal na Flórida e veio verificar os Torrances por causa do que chamou de “um palpite poderoso” de que a família estava com problemas. Ambos os adultos sobreviventes ficou bastante ferido na explosão. Apenas a criança saiu ilesa.

Fisicamente, pelo menos.

## 2

Wendy Torrance e seu filho receberam um acordo da corporação proprietária do Overlook. Não era grande, mas o suficiente para mantê-los durante os três anos em que ela ficou impossibilitada de trabalhar por causa de lesões nas costas. Um advogado que ela consultou disse a ela que, se ela estivesse disposta a aguentar e jogar duro, ela conseguiria mais. Talvez muito mais, porque a corporação estava ansiosa para evitar um processo judicial. Mas ela, como a corporação, queria apenas deixar para trás aquele inverno desastroso no Colorado. Ela iria convalescer, ela disse, e o fez, embora seus ferimentos nas costas a atormentassem até o fim de sua vida. Vértebras quebradas podem se curar e costelas quebradas, mas elas nunca param de gritar.

Winifred e Daniel Torrance moraram em Maryland por um tempo, depois foram para Tampa. Às vezes, Dick Hallorann (o dos palpites

poderosos) vinha de Key West para visitá-los. Visitar especialmente o jovem Danny. Eles compartilhavam um vínculo.

Certa manhã de março de 1981, Wendy ligou para Dick e perguntou se ele poderia vir. Danny, ela disse, a acordou durante a noite e disse para ela não ir ao banheiro.

Depois disso, ele se recusou a falar.

## 3

Ele acordou precisando fazer xixi. Lá fora, um vento forte soprava. Estava quente — na Flórida era quase sempre quente —, mas ele não gostava daquele som e supunha que nunca iria gostar. Isso o lembrou do Overlook, onde a caldeira defeituosa era o menor dos perigos.

Ele e sua mãe moravam em um apartamento apertado no segundo andar. Danny saiu do quartinho ao lado do da mãe e atravessou o corredor. O vento soprou e uma palmeira moribunda ao lado do prédio sacudiu suas folhas. O som era esquelético. Eles sempre deixavam a porta do banheiro aberta quando ninguém estava usando, porque a fechadura estava quebrada. Agora estava fechado. Não porque sua mãe estava lá, no entanto. Graças aos ferimentos faciais que sofrera no Overlook, ela agora roncava – um som suave *de queep-queep* – e ele podia ouvi-lo vindo de seu quarto.

*Bem,* ele pensou, *ela fechou por acidente, isso é tudo* .

Ele sabia melhor, mesmo naquela época (ele mesmo era um menino de palpites e intuições poderosos), mas às vezes você tinha que saber. Às vezes você tinha que *ver* . Isso foi algo que ele descobriu no Overlook, em um quarto no segundo andar.

Alcançando com um braço que parecia muito longo, muito elástico, muito *desossado,* ele girou a maçaneta e abriu a porta.

A mulher do quarto 217 estava lá, como ele sabia que ela estaria. Ela estava sentada nua no vaso sanitário com as pernas abertas e as coxas pálidas salientes. Seus seios descascados pendiam como balões murchos. A mecha de cabelo abaixo de seu estômago era grisalha. Seus olhos também eram cinzas, como espelhos de aço. Ela o viu, e seus lábios cariados se esticaram para trás em um sorriso.

*Feche os olhos,* Dick Hallorann lhe dissera uma vez. *Se você vir algo ruim, feche os olhos e diga a si mesmo que não está lá e quando você os abrir novamente, terá desaparecido* .

Mas não funcionou no quarto 217 quando ele tinha cinco anos, e não funcionaria agora. Ele sabia disso. Ele podia sentir o *cheiro* dela. Ela estava em decomposição.

A mulher — ele sabia o nome dela, era a Sra. Massey — cambaleou até os pés roxos, estendendo as mãos para ele. A carne em seus braços pendia, quase pingando. Ela estava sorrindo do jeito que você faz quando vê um velho amigo. Ou, talvez, algo bom para comer.

Com uma expressão que poderia ser confundida com calma, Danny fechou a porta suavemente e deu um passo para trás. Ele observou enquanto a maçaneta girava para a direita. . . deixou . . . certo novamente. . . então acalmou.

Ele tinha oito anos agora, e capaz de pelo menos algum pensamento racional mesmo em seu horror. Em parte porque, em alguma parte profunda de sua mente, ele esperava por isso. Embora ele sempre tenha pensado que seria Horace Derwent quem acabaria por aparecer. Ou talvez o barman, aquele que seu pai chamava de Lloyd. Ele supôs que deveria saber seria a Sra. Massey, no entanto, mesmo antes de finalmente acontecer. Porque, de todas as coisas mortas-vivas no Overlook, ela tinha sido a pior.

A parte racional de sua mente lhe disse que ela era apenas um fragmento de um pesadelo não lembrado que o seguira para fora do sono e pelo corredor até o banheiro. Essa parte insistiu que se ele abrisse a porta novamente, não haveria nada lá. Certamente não haveria, agora que ele estava acordado. Mas outra parte dele, uma parte que *brilhava*, sabia melhor. O Overlook ainda não tinha terminado com ele. Pelo menos um de seus espíritos vingativos o seguiu até a Flórida. Uma vez ele encontrou aquela mulher esparramada em uma banheira. Ela saiu e tentou sufocá-lo com seus dedos suspeitos (mas terrivelmente fortes). Se ele abrisse a porta do banheiro agora, ela terminaria o trabalho. Ele se comprometeu colocando o ouvido contra a porta. A princípio não havia nada. Então ele ouviu um som fraco.

Unhas mortas arranhando a madeira.

Danny entrou na cozinha sem pernas, subiu em uma cadeira e fez xixi na pia. Então ele acordou sua mãe e disse a ela para não ir ao banheiro porque havia uma coisa ruim lá. Uma vez feito isso, ele voltou para a cama e afundou profundamente sob as cobertas. Ele queria ficar ali para sempre, só levantando para fazer xixi na pia. Agora que avisara a mãe, não tinha interesse em falar com ela.

Sua mãe sabia sobre a coisa de não falar. Já tinha acontecido antes, depois que Danny se aventurou no quarto 217 no Mirante.

“Você vai falar com Dick?”

Deitado em sua cama, olhando para ela, ele assentiu. Sua mãe ligou, embora fossem quatro da manhã.

No final do dia seguinte, Dick veio. Ele trouxe algo com ele. Um presente.

## 4

Depois que Wendy ligou para Dick — ela se certificou de que Danny a ouvisse — Danny voltou a dormir. Embora agora tivesse oito anos e estivesse na terceira série, estava chupando o dedo. Doeu para ela ver isso. Ela foi até a porta do banheiro e ficou olhando para ela. Ela estava com

medo — Danny a tinha deixado com medo —, mas ela tinha que ir, e não tinha intenção de entrar na pia. A imagem de como ela ficaria, balançando na beirada do balcão com a bunda pendurada sobre a porcelana (mesmo que não houvesse ninguém para ver) a fez torcer o nariz.

Em uma mão ela tinha o martelo de sua pequena caixa de ferramentas. Quando ela girou a maçaneta e abriu a porta do banheiro, ela a levantou. O banheiro estava vazio, é claro, mas o anel do assento do vaso estava abaixado. Ela nunca o deixava assim antes de ir para a cama, porque sabia que se Danny entrasse, apenas dez por cento acordado, ele poderia esquecer de colocá-lo e mijar em cima dele. Além disso, havia um cheiro. Um ruim. Como se um rato tivesse morrido nas paredes.

Ela deu um passo, depois dois. Ela viu movimento e girou, martelo erguido, para acertar quem quer que

( *qualquer que seja* )

estava escondido atrás da porta. Mas era apenas sua sombra. Com medo de sua própria sombra, as pessoas às vezes zombavam, mas quem tinha mais direito do que Wendy Torrance? Depois das coisas que viu e pelas quais passou, ela sabia que as sombras podiam ser perigosas. Eles poderiam ter dentes.

Não havia ninguém no banheiro, mas havia uma mancha descolorida no anel do vaso sanitário e outra na cortina do chuveiro. Excremento foi seu primeiro pensamento, mas merda não era roxo-amarelado. Ela olhou mais de perto e viu pedaços de carne e pele podre. Mais do que estava no tapete do banheiro. Lá ele formou a forma de pegadas. Ela os achava muito pequenos — muito *delicados* — para serem de um homem.

“Oh Deus,” ela sussurrou.

Ela acabou usando a pia, afinal.

## 5

Wendy incomodou Danny para fora da cama ao meio-dia. Ela conseguiu colocar um pouco de sopa e meio sanduíche de manteiga de amendoim nele, mas então ele voltou para a cama. Ele ainda não falava. Hallorann chegou pouco depois das cinco da tarde, ao volante de seu Cadillac vermelho, agora antigo (mas perfeitamente conservado e incrivelmente polido). Wendy estava de pé na janela, esperando e observando como ela uma vez esperou e esperou pelo marido, esperando que Jack voltasse para casa de bom humor. E sóbrio.

Ela desceu as escadas correndo e abriu a porta no momento em que Dick estava prestes a tocar a campainha marcada TORRANCE 2A. Ele estendeu os braços e ela entrou neles de uma vez, desejando poder ficar ali por pelo menos uma hora. Talvez até dois.

Ele a soltou e segurou-a à distância de um braço pelos ombros. “Você está bem, Wendy. Como está o homenzinho? Ele está falando de novo?

“Não, mas eĽe vai falar com você. Mesmo que ele não faça isso em voz alta para começar, você pode... Em vez de terminar, ela fez uma arma de dedo e apontou para a testa dele.

"Não necessariamente", disse Dick. Seu sorriso revelou um novo par brilhante de dentes falsos. O Overlook havia tomado a maior parte do último set na noite em que a caldeira explodiu. Jack Torrance balançou o martelo que tirou a dentadura de Dick e a habilidade de Wendy de andar sem um pequeno obstáculo em seu passo, mas ambos entenderam que realmente tinha sido o Overlook. “Ele é muito poderoso, Wendy. Se ele quiser me bloquear, ele o fará. Eu sei por experiência própria. Além disso, seria melhor se falássemos com a boca. Melhor para ele. Agora me conte tudo o que aconteceu.”

Depois que ela fez isso, Wendy o levou para o banheiro. Ela havia deixado as manchas para ele ver, como um policial de ronda preservando a cena de um crime para a equipe forense. E houve *um* crime. Um contra seu filho.

Dick olhou por um longo tempo, sem tocar, então assentiu. “Vamos ver se Danny está bem e em ação.”

Ele não estava, mas o coração de Wendy se iluminou com o olhar de alegria que surgiu no rosto de Danny quando ele viu quem estava sentado ao lado dele na cama e sacudindo seu ombro.

( *Ei Danny, eu trouxe um presente para você* )

( *não é meu aniversário* )

Wendy os observou, sabendo que estavam falando, mas sem saber do que se tratava.

Dick disse: “Levante-se, querida. Vamos dar um passeio na praia.”

( *Dick ela voltou Sra. Massey do quarto 217 voltou* )

Dick deu outra sacudida no ombro. “Fale alto, Dan. Você está assustando sua mãe.

Danny disse: "Qual é o meu presente?"

Dick sorriu. "Isso é melhor. Eu gosto de ouvir você, e Wendy também.

"Sim." Foi tudo o que ela se atreveu a dizer. Caso contrário, eles ouviriam o tremor em sua voz e ficariam preocupados. Ela não queria isso. Isso não era sobre ela.

“Enquanto estamos fora, você pode querer dar uma limpada no banheiro,” Dick disse a ela. “Você tem luvas de cozinha?”

Ela assentiu.

"Boa. Vista eles."

# 6

A praia ficava a dois quilômetros de distância. O estacionamento estava cercado por atrações espalhafatosas à beira-mar – concessões de bolo de funil, lojas de souvenirs, uma galeria de tiro – mas este era o final da

temporada, e nenhum estava fazendo muito negócio. Eles tinham a praia em si quase inteiramente para eles. Na viagem do apartamento, Danny segurava seu presente — um pacote oblongo, bem pesado, embrulhado em papel prateado — no colo.

"Você pode abri-lo quando voltarmos", disse Dick.

Caminharam logo acima das ondas, onde a areia era dura e brilhante. Danny andava devagar, porque Dick era bem velho. Algum dia ele morreria. Talvez até em breve.

"Estou pronto para ir mais alguns anos", disse Dick. “Não se preocupe com isso. Agora me diga o que aconteceu ontem à noite. Não deixe nada de fora.”

Não demorou muito. A parte difícil teria sido encontrar palavras para explicar o terror que ele sentia agora, e como ele estava misturado com uma sufocante sensação de certeza: agora que ela o encontrou, ela nunca iria embora. Mas porque era Dick, ele não precisava de palavras.

“Ela vai voltar. Eu sei que ela vai. Ela vai voltar e voltar até que ela me pegue.”

“Você se lembra de quando nos conhecemos?”

Embora surpreso com a mudança de direção, Danny assentiu. Foi Hallorann quem deu a ele e a seus pais a visita guiada em seu primeiro dia no Overlook. Muito longo atrás, isso parecia.

“E você se lembra da primeira vez que falei dentro da sua cabeça?”

"Eu com certeza faço."

"O que foi que eu disse?"

“Você me perguntou se eu queria ir para a Flórida com você.”

"Está certo. E como você se sentiu, saber que não estava mais sozinho? Que você não era o único?”

“Foi ótimo”, disse Danny. “Foi tão bom.”

“Sim”, disse Hallorann. “Sim, claro que foi.”

Caminharam um pouco em silêncio. Passarinhos — piolhos, como a mãe de Danny os chamava — corriam para dentro e para fora das ondas.

"Alguma vez você achou engraçado, como eu apareci quando você precisou de mim?" Ele olhou para Danny e sorriu. "Não. Não. Por que seria? Você era apenas uma criança, mas agora está um pouco mais velha. Muito mais velho em alguns aspectos. Ouça-me, Danny. O mundo tem uma maneira de manter as coisas em equilíbrio. Eu acredito. Há um ditado: quando o aluno estiver pronto, o professor aparecerá. Eu era seu professor.”

"Você era muito mais do que isso", disse Danny. Ele pegou a mão de Dick. “Você nos salvou. E você era meu amigo.”

Dick ignorou isso. . . ou parecia. "Minha avó também teve o brilho - você se lembra de eu lhe dizer isso?"

"Sim. Você disse que você e ela poderiam ter longas conversas sem sequer abrir a boca.

"Está certo. Ela me ensinou. E foi sua *bisavó* quem a ensinou, nos tempos da escravidão. Algum dia, Dani, será a sua vez de ser o professor. O

aluno virá”.

“Se a Sra. Massey não me pegar primeiro,” Danny disse taciturnamente.

Chegaram a um banco. Dick sentou-se. “Não ouse ir mais longe; Talvez eu não consiga voltar. Sente-se ao meu lado. Eu quero te contar uma história."

“Não quero histórias”, disse Danny. “Ela vai voltar, você não entende? Ela vai *voltar* e *voltar* e *voltar* .”

“Cala a boca e abre os ouvidos. Tome alguma instrução.” Então Dick sorriu, exibindo sua nova dentadura reluzente. “Eu acho que você vai entender o ponto. Você está longe de ser estúpida, querida.

# NOS4A2

por Joe Hill

Vindo de William Morrow,
um selo da HarperCollins Publishers
abril de 2013

# FCI ENGLEWOOD, COLORADO

## DEZEMBRO DE 2008

A enfermeira Thornton entrou na enfermaria de cuidados prolongados um pouco antes das oito com uma bolsa de sangue quente para Charlie Manx.

Ela estava navegando no piloto automático, seus pensamentos não em seu trabalho. Ela finalmente havia decidido comprar para seu filho, Josiah, o Nintendo DS que ele queria, e estava calculando se poderia chegar à Toys "R" Us depois de seu turno, antes que fechassem.

Ela vinha resistindo ao impulso por algumas semanas, por motivos filosóficos. Ela realmente não se importava se todos os seus amigos tivessem um. Ela simplesmente não gostava da ideia daqueles videogames portáteis que as crianças carregavam consigo para todos os lugares. Ellen Thornton se ressentiu do modo como os meninos desapareciam na tela brilhante, trocando o mundo real por algum território da imaginação onde a diversão substituía o pensamento e inventar novas matanças criativas era uma forma de arte. Ela tinha fantasiado ter uma criança que adoraria livros e jogaria Scrabble e gostaria de ir em expedições com raquetes de neve com ela. Que risada.

Ellen resistiu até não aguentar mais, e então, na tarde de ontem, ela se deparou com Josiah sentado em sua cama fingindo que uma carteira velha era um Nintendo DS. Ele havia recortado uma foto de Donkey Kong e a enfiou na capa de plástico transparente para exibir as fotografias. Ele apertou botões imaginários e fez sons de explosão, e seu coração doeu um pouco, vendo-o fingir que já tinha algo que ele tinha certeza que conseguiria no Grande Dia. Ellen poderia ter suas teorias sobre o que era saudável para os meninos e o que não era. Isso não significava que o Papai Noel tinha que compartilhá-los.

Porque ela estava preocupada, ela não percebeu o que havia de diferente em Charlie Manx até que ela estava contornando sua cama para alcançar o suporte de soro. Ele suspirava pesadamente naquele momento, como se estivesse entediado, e ela olhou para baixo e o viu olhando para ela, e ficou tão surpresa ao vê-lo com os olhos abertos que sacudiu o saco de sangue e quase o derramou nos pés. .

Ele era horrível, para não dizer horrível. Seu grande crânio calvo era um globo mapeando uma lua alienígena, continentes marcados por manchas no fígado e sarcomas da cor de hematomas. De todos os homens na enfermaria de cuidados prolongados – também conhecidos como Vegetais – havia algo particularmente horrível em Charlie Manx com os olhos abertos *nesta* época do ano. Manx gostava de crianças. Ele fez dezenas deles desaparecerem nos anos noventa. Ele tinha uma casa abaixo dos Flatirons onde fazia o que gostava com eles e os matou e pendurou enfeites de Natal em sua memória. Os jornais chamavam o lugar de “Sleigh-House”. Ho ho ho.

Na maioria das vezes, Ellen podia desligar o lado materno de seu cérebro enquanto estava no trabalho, podia manter sua mente longe de pensamentos sobre o que Charlie Manx provavelmente tinha feito com as meninas e meninos que cruzaram seu caminho, meninas e meninos. meninos não mais velhos que seu Josias. Ellen não meditou sobre o que *qualquer* de seus pupilos tinha feito se ela pudesse evitar. O paciente do outro lado da sala amarrou a namorada e os dois filhos dela, ateou fogo na casa deles e os deixou queimar. Ele foi preso em um bar na rua, bebendo Bushmills e assistindo o White Sox jogar contra os Rangers. Ellen não via como insistir nisso poderia fazer algum favor a ela, então ela aprendeu a pensar em seus pacientes como extensões das máquinas e sacos de gotejamento aos quais eles estavam ligados: periféricos de carne.

Durante todo o tempo em que estivera trabalhando na FCI Englewood, na enfermaria da prisão Supermax, nunca vira Charlie Manx com os olhos abertos. Ela estava na equipe há três anos, e ele estava em coma durante todo esse tempo. Ele era o mais frágil de seus pacientes, um frágil casaco de pele com ossos dentro. Seu monitor cardíaco apitou como um metrônomo ajustado na velocidade mais lenta possível. O médico disse que ele tinha tanta atividade cerebral quanto uma lata de creme de milho. Ninguém jamais determinara sua idade, mas ele parecia mais velho que Keith Richards. Ele até se parecia um pouco *com* Keith Richards - um Keith careca com a boca cheia de dentes castanhos.

Havia três outros pacientes em coma na enfermaria, o que a equipe chamava de “gorks”. Quando você estava perto deles por tempo suficiente, você aprendeu que todos os gorks tinham suas peculiaridades. Don Henry, o homem que queimou sua filha e seus filhos até a morte, às vezes saía para “passear”. Ele não se levantou, é claro, mas seus pés pedalavam fracos sob os lençóis. Havia um cara chamado Leonard Potts que estava em coma há cinco anos e nunca mais acordaria — outro prisioneiro havia enfiado uma chave de fenda em seu crânio e em seu cérebro. Mas às vezes ele limpava a garganta e gritava “Eu sei!” como se ele fosse uma criança pequena que quisesse responder à pergunta do professor. Talvez abrir os olhos fosse a peculiaridade de Manx, e ela nunca o pegou fazendo isso antes.

“Olá, Sr. Manx,” Ellen disse automaticamente. "Como você está se sentindo hoje?"

Ela sorriu um sorriso sem sentido e hesitou, ainda segurando o saco de sangue à temperatura do corpo. Ela não esperava uma resposta, mas achou que seria atencioso dar a ele um momento para reunir seus pensamentos inexistentes. Quando ele não disse nada, ela estendeu uma mão para deslizar suas pálpebras fechadas.

Ele pegou seu pulso. Ela gritou – não pôde evitar – e deixou cair a bolsa de sangue. Ele atingiu o chão e explodiu em um jorro carmesim, o jato quente encharcando seus pés.

"ECA!" ela chorou. "ECA! ECA! Oh Deus!"

Cheirava a ferro recém-derramado.

“Seu garoto, Josiah,” Charlie Manx disse a ela, sua voz áspera e áspera. “Há um lugar para ele na Terra do Natal, com as outras crianças. Eu poderia dar a ele uma nova vida. Eu poderia dar-lhe um belo sorriso novo. Eu poderia dar a ele bons dentes novos.

Ouvi-lo dizer o nome de seu filho era pior do que ter a mão de Manx em seu pulso ou sangue em seus pés. ( *Sangue limpo*, disse a si mesma, ***limpo*** ). Ouvir aquele homem, assassino condenado e molestador de crianças, falar de seu filho a deixou tonta, genuinamente tonta, como se ela estivesse em um elevador de vidro correndo rapidamente para o céu, o mundo desaparecendo abaixo dela.

"Deixe ir", ela sussurrou.

"Há um lugar para Josiah John Thornton na Terra do Natal, e há um lugar para você na Casa do Sono", disse Charlie Manx. “O Gasmask Man saberia exatamente o que fazer com você. Dar-lhe a fumaça do pão de gengibre e ensiná-lo a amá-lo. Não posso levá-lo conosco para a Terra do Natal. Ou eu *poderia* , mas o Gasmask Man é melhor. O Gasmask Man é uma misericórdia.”

“Socorro,” Ellen gritou, exceto que não saiu como um grito, saiu como um sussurro. "Ajude-me." Ela não conseguia encontrar sua voz.

“Eu vi Josiah no Cemitério do Que Pode Ser. Josiah deveria vir dar uma volta no Wraith. Ele seria feliz para sempre na Terra do Natal. O mundo não pode arruiná-lo lá, porque não está *no* mundo. Está na minha *cabeça* . Estão todos seguros na minha cabeça. Eu tenho sonhado com isso, você sabe. Natal. Eu tenho sonhado com isso, mas eu ando e ando e não consigo até o fim do túnel. Ouço as crianças cantando, mas não consigo alcançá-las. Eu os ouço gritando por mim, mas o túnel não termina. Eu preciso do Wraith. Precisa da minha carona.”

Sua língua escorregou para fora de sua boca, marrom e brilhante e obscena, e molhou seus lábios secos, e ele a soltou.

“Socorro,” ela sussurrou. "Ajuda. Ajuda. Ajuda." Ela teve que dizer mais uma ou duas vezes antes que ela pudesse dizer alto o suficiente para que alguém a ouvisse. Então ela estava batendo pelas portas do corredor, correndo em seus sapatos macios, gritando por tudo o que valia. Deixando pegadas vermelhas brilhantes atrás dela.

Dez minutos depois, um par de policiais com equipamento anti-motim amarraram Manx em sua cama, para o caso de ele abrir os olhos e tentar se levantar. Mas o médico que finalmente chegou para examiná-lo disse para desamarrá-lo.

“Esse cara está de cama desde 2001. Ele tem que ser virado quatro vezes por dia para não ficar com feridas. Mesmo que ele não fosse um gork, ele é fraco demais para ir a qualquer lugar. Após sete anos de atrofia muscular, duvido que ele consiga se sentar sozinho.”

Ellen estava escutando perto das portas – se Manx abrisse os olhos novamente, ela planejava ser a primeira a sair da sala – mas quando o médico disse isso, ela andou pelo chão com as pernas rígidas e puxou a manga para trás. seu pulso direito para mostrar os hematomas onde Manx a agarrou.

“Isso parece algo feito por um cara fraco demais para se sentar? Achei que ele fosse arrancar meu braço da tomada.” Seus pés doíam quase tanto quanto seu pulso machucado. Ela havia tirado sua meia-calça encharcada de sangue e ido aos pés com água fervente e sabonete antibiótico até ficarem crus. Ela estava em seus tênis de ginástica agora. Os outros sapatos estavam no lixo. Mesmo se eles pudessem ser salvos, ela não achava que seria capaz de colocá-los novamente.

O médico, um jovem índio chamado Patel, lançou-lhe um olhar envergonhado e de desculpas e se inclinou para acender uma lanterna nos olhos de Manx. Suas pupilas não dilataram. Patel moveu a lanterna para frente e para trás, mas os olhos de Manx permaneceram fixos em um ponto logo além da orelha esquerda de Patel. O médico bateu palmas a um centímetro do nariz de Manx. Manx não piscou. Patel gentilmente fechou os olhos de Manx e examinou a leitura do eletrocardiograma que eles estavam fazendo.

“Não há nada aqui que seja diferente de qualquer uma das últimas doze leituras de eletrocardiograma”, disse Patel. “O paciente pontua nove na Escala de Glasgow, mostra atividade de onda alfa lenta consistente com coma alfa. Acho que ele estava falando dormindo, enfermeira. Isso até acontece com gorks como esse cara.”

"Os olhos dele estavam *abertos* ", disse ela. “Ele olhou diretamente para mim. Ele sabia meu nome. Ele sabia o nome do meu filho.”

Patel disse: “Já teve uma conversa perto dele com uma das outras enfermeiras? Sem dizer o que o cara pode ter percebido inconscientemente. Você diz a outra enfermeira: 'Oh, ei, meu filho acabou de ganhar o concurso de soletrar.' Manx ouve e regurgita no meio do sonho.”

Ela assentiu, mas uma parte dela estava pensando: *Ele sabia o nome do meio de Josiah,* algo que ela tinha certeza que nunca havia mencionado a ninguém aqui no hospital. *Há um lugar para Josiah John Thornton na Terra do Natal,* Charlie Manx dissera a ela, *e há um lugar para você na Casa do Sono.*

"Eu nunca tive o sangue dele", disse ela. “Ele está anêmico há algumas semanas. Pegou uma infecção do trato urinário do cateter. Vou pegar um pacote novo.”

"Esqueça isso. Vou pegar o sangue do velho vampiro. Veja. Você teve um pequeno susto desagradável. Coloque-o atrás de você. Ir para casa. Você só tem. . . o que, uma hora sobrando no seu turno? Pegue. Tome amanhã também. Tem algumas compras de última hora para terminar? Vá fazê-lo. Pare de pensar nisso e relaxe. É Natal, enfermeira Thornton — disse o médico, e piscou para ela. “Você não sabe que é a época mais maravilhosa do ano?”

# Esperamos que você tenha gostado de ler este eBook do Scribner.

---

Junte-se à nossa lista de e-mails e receba atualizações sobre novos lançamentos, ofertas, conteúdo bônus e outros ótimos livros da Scribner e Simon & Schuster.

**CLIQUE AQUI PARA SE INSCREVER**

ou visite-nos online para se inscrever em
eBookNews.SimonandSchuster.com



ESCRITOR
Uma divisão da Simon & Schuster, Inc.
1230 Avenida das Américas
Nova York, NY 10020
www.SimonandSchuster.com

Este livro é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com eventos reais ou locais ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Copyright © 2012 por Stephen King e Joseph Hillström King

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reproduzir este livro ou partes dele de qualquer forma. Para obter informações, dirija-se ao Departamento de Direitos Subsidiários da Scribner, 1230 Avenue of the Americas, Nova York, NY 10020.

Primeira edição do e-book do Scribner em outubro de 2012

SCRIBNER e design são marcas registradas do The Gale Group, Inc., usadas sob licença pela Simon & Schuster, Inc., o editor desta obra.

O Simon & Schuster Speakers Bureau pode trazer autores para o seu evento ao vivo. Para obter mais informações ou reservar um evento, entre em contato com o Simon & Schuster Speakers Bureau pelo telefone 1-866-248-3049 ou visite nosso site em www.simonspeakers.com .

Desenhado por Kyle Kabel

ISBN: 978-1-4767-1082-2 (e-book)